

Diário de Lisboa

II-OF

AVENÇA

Biblioteca Municipal Central de LISBOA
66699

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

PUBLICAMOS hoje mais uma lista ministerial. Esta foi elaborada pela Imprensa de além-Atlântico, para fazer a felicidade dos desejados Estados Unidos da Europa. É como segue: Presidente do Conselho, Mussolini; Negocios Estrangeiros, Litvinoff ou Laval; ministros de Estado, MacDonald e Herriot; Comercio, Flandin; Finanças, dr. Schacht; Propaganda, dr. Goebbels; Ar, marechal Balbo; Guerra, marechal Petain; Interior, Jovitch; Instrução, Benés.

Não se pode dizer que os americanos tenham perdido completamente o sentido do humorismo.

NA população dos liceus grassa a epidemia da gripe. Uns liceus estão fechados; outros não.

A que obedece este critério? Talvez ao numero de doentes; admite-se que assim seja.

O certo é — dizem varias cartas que recebemos — que nos liceus de Passos Manuel e de Pedro Nunes ha muitos alunos doentes, e que frequentam as aulas, contra o parecer dos medicos, para não perderem o ano por faltas.

Será assim?

VOLTA a agitar-se a questão do Estatuto de Tanger, e Portugal não pode manter-se indiferente em face da possível modificação daquela zona internacional que antes custou aos nossos maiores tão gloriosos sacrificios.

José Esaguy, que se encontra em Lisboa e ha anos reside em Tanger, fará na Sociedade de Geografia, no dia 8 de abril proximo, uma conferencia que tem por titulo «Tanger de Portugal».

PARTE amanhã, no Sud, para Paris, o illustre professor da Faculdade de Medicina, dr. Reynaldo dos Santos, que vai realizar algumas conferencias medicas, na Sorbonne, a convite da Sociedade de Ciencias Médicas.

O eminente professor, tambem a convite da Sociedade de Belas Artes, realizará duas conferencias sobre arte antiga, no Museu de Belas Artes.

FOI condecorado com a comenda de Cristo o illustre jornalista brasileiro Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa do Rio de Janeiro.

O sr. Rafael Correia de Oliveira, que foi tambem condecorado pelo Governo brasileiro, não é o adido comercial á embaixada do Brasil em Lisboa, que tem o mesmo nome.

NO mês de abril devem entrar no Tejo 63 paquetes, dos quais 11 são de excursionistas. Do total 23 são ingleses e 15 alemães.

Para o mês de junho — mês das festas de Lisboa — o numero de barcos excursionistas deve subir a 20.

REFLEXOS

O dr. Sousa Gomes escreve, na secção «A Margem do Trabalho» que publica semanalmente o *Diário de Noticias*:

— «Discutiu-se, ha dias, o problema da função social dos gremios corporativos, afirmando-se que alguns dela se esqueceram para se preocuparem mais com a sua função estritamente economica em prejuizo da primeira».

Estas palavras oportunas obedecem ao desejo de colocar o «social» acima do «individual» que inspirou a fundação dos gremios. O egoismo, porém, aceita os conselhos, mas declina os deveres. Não é a primeira vez que se diz aos varões agremiados:

— Moderação nos appetites e largueza nas obrigações.

Infelizmente as unhas recurvas vêm primeiro que as unhas polidas. A obra educativa do pensamento corporativo caminha lentamente, mas irá cavando o seu sulco. Demanda tempo e zelo apostolico. No dia em que esteja aperfeiçoada, far-se-á o enterro das derradeiras larvas que se agarram á triste rotina, qual a ferrugem ao ferro.

No banquete que ontem á noite se realizou em Moscovo, Litvinoff brindou:

— «Bebo á saúde de Sua majestade o rei de Inglaterra.»

O brilho duma coroa real, no Estado comunista, tinha de causar espanto. A Russia, que já foi apalidada de nomes feios e inflamantes, á proporção que vai compondo o rosto, lava certas manchas de sangue.

Staline nunca será comparado a Luiz XIV, o rei-sol. O podas metaloras não chegará a tal.

Mas o facto de se erguer uma taça, onde o «Champagne» faísca, reflectindo fulgores dos velhos lustres imperiais, não deixa de impelir os homens — por muito rebeldes que sejam — a fazer algumas concessões ao protocolo.

Importa tambem não olvidar que a Inglaterra é um bloco enorme de aço e granito e que bem no topo, visível de todas as latitudes, está um homem de manto e coroa.

O general João de Almeida fez ontem uma conferencia na Escola Central de Officiais, em Caxias, na qual disse que o exercito e a nação, em caso de guerra, constituem elementos necessários e conjugados na sua acção.

Estamos na hora em que as sentinelas pesquisam no horizonte a passagem do tuão.

Quem faz como o avestruz, que mete a cabeça debaixo da aza, quando o gerigo se avizinha, acontece-lhe o mesmo que ao passaroco desajeitado e pernalta — cair na mão do caçador.

— «Impende sobre nós qualquer ameaça?» — indagam os tímidos e tambem os maliciosos. Sem pretendermos desvendar os segredos das chancelarias, podemos responder:

— «O céu está limpo e Portugal não tem inimigos confessos.»

Como a paz que disfrutamos é um bem precioso, urge conservá-la ciosamente, protegendo-a contra um dos seus maiores adversarios — a cega credulidade.

Que será o dia de amanhã? Quem ousa garantir-nos que o futuro virá para nós, como mensagem de eternas venturas?

Estas perguntas impõem-nos as cautelas que emprega, aliás, todo o bicho que á face da terra, cuida do pão, do celeiro e da posse tranquila do seu lar feliz.

O general João de Almeida, antes de concluir a sua educativa conferencia, lembrou:

— «Em tempo de guerra, o exercito é toda a nação.»

Ninguém sustentará que ele não usou da linguagem que até os surdos entendem.

EMIL Ludwig, continuando a sua reportagem acerca da Abissinia, acrescenta o capitulo da acção que os portugueses all tiveram, dizendo que o descobrimento do Nilo Azul se fez graças aos trabalhos das missões, bem como o do Nilo Branco. «Este descobrimento — diz Ludwig — foi feito por portugueses, e como a Abissinia estava aberta á comunicação alguns seculos antes que Uganda, pode considerar-se esta descoberta auzentos anos anterior.

A ciencia e a fé colaboraram, apesar dos seus principios opostos e, sendo os missionarios tambem medicos, quizeram os abissinios que all ficasse um medico português que foi elevado á categoria de patriarca da Abissinia. Os missionarios eram tambem geografos, e o padre Pais, que tinha convertido o rei Claudius, descobriu a fonte do Nilo; e o seu sucessor, padre Lobo, confirmou as referencias do descobrimento.

Como se verifica, o biografo dos actuais chefes europeus está agora fazendo a biografia dos portugueses que foram chefes na Abissinia.

UM telegrama da Imprensa expedido ontem de Londres ás 23 horas, e recebido em Lisboa oito minutos mais tarde, foi entregue ao seu destinatario depois das 9 horas de hoje. Levou mais de dez horas desde o Terreiro do Paço até ao Campo Pequeno. Deve-se acrescentar que o telegrama em questão destinava-se a uma informação para a Imprensa e era dirigido a um endereço telegrafico — cujo registo em Portugal custa 300\$00.

Lêmos ha dias num jornal inglês que a correspondência de Boas-Festas do Natal de 1933, dirigida ao consul inglês em Kashgar, foi all recebida no Natal de 1934. Guardadas as devidas distancia — até este record — de velocidade foi batido ontem pelos boletineiros de Lisboa.

**

FAZ agora 40 anos que Louis Lumière apresentou á Sociedade francesa para o progresso das industrias o seu invento: a cinematografia. O primeiro filme foi «A saída dos operarios das fabricas Lumiére».

Em Roma está-se celebrando o acontecimento, com a presença do inventor convidado pelo governo italiano.

E um gracioso espectáculo se presenciará numa sala de cinema: o correr de uma certa quantidade de fitas de ha quarenta anos até á data, assinalando os progressos, inovações e aperfeiçoamentos da arte e industria cinematografica.

O **CONSELHO** Superior de Belas Artes aprovou o plano do pintor Abel Manta para construção do vitral destinado á igreja dos Jeronimos.

Sabemos tratar-se de uma formosa obra de arte, em tudo digno do talento e da probidade do illustre artista.

DESPORTES Mundanismo

Portugal-Espanha em "foot-ball"

Os desportos internacionais, sobretudo aqueles que são disputados contra a Espanha, costumam despertar um grande entusiasmo, registando o Estádio do Lumiar grandes enchentes.

Por isso mesmo, a Federação trata já de estabelecer tudo quanto diga respeito a marcação de bilhetes. Os preços dos bilhetes são os seguintes: camarotes de 7 entradas, 21000; camarotes de 5, 15000; camarotes de 3, 10000; senhas de camarotes, 30800; cadeiras, 40800; bancada central, 30800; bancada lateral, 25800; bancos de pista, 15800, e geral, 8800.

As marcações de bilhetes numerados têm de ser feitas até o próximo dia 10 de abril, por intermédio dos clubes, não aceitando a Federação pedidos superiores a do's bilhetes feitos pela mesma pessoa.

Os pedidos dos clubes entrarão nas associações, transitando destas para o organismo máximo.

Será exercida uma fiscalização severa sobre os pedidos, não se aceitando marcações nem pelo telefone nem pessoalmente.

Do dia 17 a 22 de abril proceder-se-á à venda de bilhetes numerados, dando-se preferência aos "rigentes" e às pessoas que habitualmente frequentam os terrenos de "foot-ball".

Quanto à venda da geral, serão oportunamente indicados os dias e locais da venda para todo o publico.

Club Nautico de Portugal

A assembleia geral ordinaria do Club Nautico realiza-se amanhã, na sede. A reunião é importante. Temos em nosso poder o relatório da direcção que, ainda succido, não deixa de abordar os aspectos mais importantes de vida clubista.

Os cruzeiros do Marilhe, as regatas em que o clube tomou parte, o assunto delegações, o aumento de frota do clube, são os capitulos mais importantes do relatório, assinado pelos sr. Bustorff Silva, dr. Miguel de Sá, João Bissau, dr. João Couto, Heitor Gomes, Rui Serrano e Honorato de Carvalho.

O aniversario do Gimnasio

As salas do Gimnasio Club Portuguez voltaram ontem a animar-se com a realização duma "poule" de "box" (e uma conferencia, escutada com interesse, do sr. Xavier de Araújo.

Hoje será apresentada a classe de gymnastica científica moderna, e o sr. capitão Leal de Oliveira — uma autoridade indiscutivel no assunto — realizará uma palestra que terá como tema um dos capitulos mais importantes da educação física.

A parada nautica do Club Naval de Lisboa

Depois de amanhã, pelas 14 e 30, efectuar-se-á a parada nautica do Club Naval. O sr. Frederico Burnay — um nome que se impõe nos desportos nauticos — presidirá, assumindo o comando da flotilha.

A festa compoer-se-á de parada das embarcações de remo e de regatas inter-soccos.

O sr. ministro da Marinha passará revista às embarcações, acompanhado pelo sr. almirante Oliveira Muzanty e comandantes Pedro Rodrigues, Carvalho Crato e Cisnelos de Faria.

Sport Algés e Dafundo

Na segunda quinzena de abril começará a funcionar a piscina grande do Sport Algés e Dafundo.

Um pouco mais tarde serão inauguradas as escolas de cinto para crianças e senhores nesta piscina, sob a direcção da sr. D. Margarida Pala.

Amanhã, effectua-se no salão de festas do Estádio Nautico a tradicional festa da "Mi-Carême".

Jogos escolares

A Associação de Foot-ball de Lisboa, que faz disputar, no proximo domingo, jogos da promoção, marcou igualmente para esse dia os seguintes jogos escolares, no campo do Restelo: Escola Militar-Faculdade de Letras, ao meio dia, e Asilo Maria Pia-Escola Agricola de Paifá, ás 14 e 30.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Guadalupe Fernandes de Velasco y Méra, D. Maria Fernanda Pereira de Eça Perdigão Duarte, D. Maria Teresa Burnay de Lancastre, D. Maria do Narear Ramos Sacramento Monteiro, D. Madalena Sotto Mayor Pinto Basto, D. Cristina Empis, D. Josefina de Anta de Oliveira, D. Filomena Moraes de los Rios Frois, e D. Cristina Empis.

MAJOR LUIZ ALBERTO DE OLIVEIRA

Tem-se informado da marcha da doença do antigo ministro da Guerra, Tenente Luiz Alberto de Oliveira, operado na Casa de Saude Militar da Estrela, entre outros os sr.

Presidente da Republica, presidente do Ministerio, ministros do Interior, da Guerra, da Marinha, das Obras Publicas e das Colonias; ministros da America e da Italia e encarregado dos negocios de Espanha; comandante Tapia, adido militar de Espanha, sub-secretario das cooperações, general Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa, Vidua da Rocha, Vicente de Freitas, Amílcar Pinto, Silva Bastos, Bernardo do Canto, João de Almeida, Daniel de Sousa, admirantes Muzanty e D. Bernardo de Mesquita; comandante Pedro Rodrigues, brigadeiros Julio de Aguiar Peixoto e Cunha, Casimiro Teles, tenente coronel João Luiz de Moura, governador civil de Lisboa, capitão Raul Gomes Pereira, antigo ministro do Interior, dr. Arnaldo Vidial, dr. Eurio Lisboa, conde de S. Palo, dr. Afonso de Melo, dr. Mario Martinho, dr. Cassiano Neves, coronel Montalvão de Albuquerque, dr. Emilio Infante da Camara, capitão Artur de Almeida Cabaco, 2.º comandante de caçadores 5 com todos os officiaes e sargentos desta unidade; comandantes Jaime Athias, Pires da Rocha, Alvaro Maria; drs. Pessa, Melro de Sousa, Luiz Noronha, João Pereira da Rosa, director do "Seculo", Antero Leal Marques, chefe de gabinete da presidencia do Ministerio, coronel Anibal Passos e Sousa, chefe de gabinete do Ministerio da Guerra, tenente-coronel Esmeraldo de Carvalho, coronel Modesto Barreto, coronel Policarpo Dias, dr. Garcia Pulido, major Lobo da Costa, engenheiro Canceleda de Abreu, dr. Manuel Lucena, major Oscar Freitas, coronel Julio Cesar Ferreira, coronel Eduardo Viana, José Assis Camilo, João Teodoro Pereira, dr. Clemente Moraes Saramento, tenente-coronel Pereira Coelho, conde Tovar, conde Mafra, dr. Costa Andrade, engenheiro Zugueite e Ferrugento Gonçalves, coronel Fernando Borges, dr. Arthur Lobo de Campos, dr. Paula Nogueira, dr. Teixeira de Azevedo, visconde de Almeida e Vasconcelos, Rocha Martins, coronel Benjamin Luazes, tenente Carvalho Nunes, tenente-coronel Simões de Sousa, Armino Fortes, Manzoni Sequeira, coronel Andrade Veloz, tenente-coronel Oliveira Duarte, coronel Manuel Leal, major Mascarenhas de Meneses, engenheiro Correia Leal, dr. Gomes Mota, tenente-coronel Raul Loureiro, dr. Almeida Euzébio, antigo ministro da Justiça, tenente-coronel Antonio José Rodrigues, dr. Belarmino de Almeida, coronel João Nepomuceno de Freitas, dr. Almeida Homem, dr. Mira da Silva, engenheiro Torres Baptista, coronel Vitoria Pereira, dr. Batalha Reis, major Pereira Coutinho, coronel Arrobas Machado, D. Miguel São Palo, coronel Quaresma, coronel Alvaro Mendonça, major Aparicio, Simão da Veiga e João Veiga, dr. Meneses de Almeida Alberto Cunha e Afonso Ant'., Antonio Teixeira, Mario Mendonça, Julio Correia Branco, João Lopes de Carvalho, Pedro Mexia Barata, Joaquim Cesar e Augusto Bayes, dr. Rezende Joaquim Carvalho, João Lopes Teles Branco, coronel Anacleto major Mendes do Amaral, major Zilhão, major Guerreiro de Andrade, etc.

NO OLIMPIA ESTREIA-SE HOJE

uma das mais notaveis artistas que têm pisado palcos portugueses

Não ha duvida de que o Olimpia, o conhecido dancing, da rua dos Condes, bate o record da apresentação das grandes ar-



CELINA EASO

tistas de canto e baile. All se estreia hoje mais uma notavel artista, grande entre as grandes no seu genero, e que só um empresario corajoso como o do Olimpia se abalancaria a contratar.

Disseram-nos que se achava hospedada no Avenida Palace, e all nos dirigimos pois, sem maior tardança.

Trata-se de Celina Easo, ballarina das mais categorizadas e cujo nome só por si enche todo um cartaz.

Mandámos-lhe o nosso cartão e a gentil artista immediatamente se prestou a receber-nos, tendo-nos cativado durante largos momentos com a sua conversação encantadora, cheia de vivacidade e de interesse. Celina Easo é ainda uma rapariga de grande cultura, muito formosa e elegante, duma simpatia atraente, a que mais nos cativou de todas as artistas, e não só poucas, com quem temos tratado.

Na sua arte, é das primeiras e assim o confirma o successo que a acompanha nas suas exhibições por esse mundo fóra,—no Cairo, em Constantinopla, em Atenas, em Bucarest, em Berlim, em Budapeste, em França, etc.—que contratos não lhe faltam nunca, seguindo depois de Lisboa para Marrocos e outros pontos com contratos já firmados.

Celina Easo já deu tambem as suas provas no cinema. Entre outros filmes lembramos por exemplo *Ceu e terra*, *Repudiada*, *helenica* e *Mais além*, onde o seu desempenho é de raras notavel.

Festas de «mi-carême»

Amanhã, sabado, realiza-se, no Oratório de Paço de Aros, uma festa de «mi-carême», promovida por uma commissão de soccos.

—Amanhã, sabado, á noite, realiza-se no Sindicato Nacional dos Toureiros Portuguezes um baile de «mi-carême» que all deve reunir muitos «aficionados», e «afilhoados».

RUTHER.—Usado diariamente revigora os cabelos tornando-os soltos e brilhantes. Destina-se principalmente a todas as pessoas que desejam adquirir a coloração dos seus cabelos de uma forma lenta, progressiva, sem dar nas vistas.

—A venda na Drogaria Roque da Fonseca Lda, 138—Avenida Visconde Valmor, 140

IMPOSSIBILIDADE DE AJOELHAR

A nevrite não lho permitia

Referindo-se ás dores e incomodos que sofreu com a nevrite, esta Senhora descreve-nos como conseguiu libertar-se de tal padecimento:

«Fui uso dos Sais Kruschen para combater uma nevrite, com os mais maravilhosos resultados. Os joelhos dolam-me e tornava-se-me impossivel ajoelhar. Como sou eu sózinha a fazer a vida da minha casa, V. calculará o que este sofrimento representava para mim. Comecei ha dois meses a fazer uso dos Sais Kruschen e por nada deste mundo deixaria de ter sempre um frasco em casa. Eu considero os Sais Kruschen como oiro de 22 quilates, G. M. W.

A nevrite tal como o reumatismo, lumbago e ciática, é causada pelos depositos de cristais pontegudos de acido urico que perfuram e causam as dores agudas. Os Sais Kruschen desfazem esses depositos dos torturantes cristais, convertendo-os numa solução inofensiva, que é prontamente expulsa do organismo pela sua saída natural—os rins. E como os Sais Kruschen têm a virtude de manter regulares as funções internas do organismo—tornado pela sua acção isento de substancias fermentáveis—nenhum veneno, tal como o acido urico, terá ensejo de se acumular novamente.

A venda em todas as Farmacias e casas da especialidade. Preço do frasco grande Esc. 17800, frasco pequeno Esc. 10800.

MUSICA

O grande concerto de amanhã no Politeama

Encontra-se desde ontem em nós o celebre pianista russo Moiseiwitsch cujo concerto amanhã á tarde no Politeama é aguardado com mais viva impaciencia não só pelo entusiasmo que o seu nome desperta entre nós mas igualmente pela composição do programa, que nos dará occasião de



MOISEIWITSCH

ouvi-lo com acompanhamento da Orquestra Sinfonica Portuguesa, sob a regencia do Maestro Pedro Blanch, no bellissimo 5.º Concerto de Beethoven e no não menos afamado Concerto em si bemol de Tschalkowsky. Conforme foi anunciado este concerto não será radiodifundido.

Gremio Lirico Portuguez

Amanhã, á tarde, realiza-se nos salões do Gremio Lirico, o costumeado chá-concerto em que tomam parte entre outros, a distinta mezo-soprano D. Manuela Sampalo e o baritone José Cabral. Há baile, com uma orquestra jazz.

LEIA AMANHÃ

Futebol

O mais completo semanario desportivo português de CRITICA E PROPAGANDA

PARA TODAS AS LIMPEZAS

PEÇA SEMPRE

Trosiina
DESINFECTANTE E PURIFICADOR

um producto BAYER

Encontra-se á venda em todas as drograrias, em embalagens de 125, 250, 500 e 1.000 gramas



É triste sina de Portuguezes desfazerem-se do que é bom, contentarem-se com o que é mau. Fabricar Sardinhas de Conserva, que os estrangeiros consideram as primeiras do mundo, e não as saborear, francamente, francamente...

Dr. Adriano Burguete
Mudou o Consultorio para a Avenida da Liberdade, 13.
T. 2 4673 (consultas ás 12 e ás 16)

A Cidade

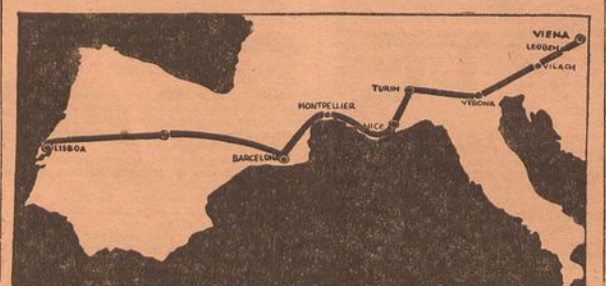
OLIMPIA CLUB
HOJE
Estreia da genial artista
CELINA EASO

O DESASTRE DA POVOA DE S.ª MARIA

Realizou-se hoje o funeral das duas victimas
Com grande acompanhamento realizaram-se hoje de manhã os funerais da sr.ª D. Leontina Waitte Defenses e de sua filha, a menina Lidia Leontine Anne Marie Defenses...

O "Raid" Automobilistico a Viena

patrocinado pelo Diario de Lisboa
A partida efectua-se a 10 de abril



Itinerario do "Raid" Automobilistico Lisboa-Viena

Realizou-se em seguida o funeral para o cemiterio dos Prazeres, onde os corpos ficaram depositados em jazigo municipal...

Este organismo, que se tem conduzido, nesta emergencia, com o interesse de todo o mundo e que se vai disputar num percurso de cerca de 6.500 quilometros, parte no continente europeu e parte em territorio africano.

Um companheiro do "Sargento Bera" agrediu um homem á facada

Francisco Rodrigues, agulheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro, em serviço na estação de Braço de Prata quando, no dia 25 do corrente, se dirigia para sua casa na travessa do Tarrif, foi assaltado por um desconhecido que lhe vibrou uma facada nas costas...

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira, esposa do nosso prezado colega de jornalismo sr. Santos Vieira...

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
Faleceu hoje o sr. Augusto Pinto Araujo, de 73 anos, proprietario da antiga chapelaria Araujo, na rua Eugenio Sant' e a figura popular nos meios teatraes...

Venda ficticia de tres predios

Ficaram hoje concluidas as investigações a que o agente Paulito procedeu para esclarecer as condições em que foi feita a venda de tres predios pela sr.ª D. Mafalda dos Santos Silveira...

ZENITH-Recorder

O "Diario de Lisboa" vende-se no Estoril-Caminho de ferro

A GARRETT

Largo do Chiado, 9 e 11
Almocos completos de 12 e 16 Escudos

Não se realizam no domingo desafios de "football" no Porto

Mantem-se a decisão da Federação Portuguesa de Foot-ball no sentido de não se realizarem, no proximo domingo, desafios de "football" no Porto...

Parada nautica

O Club Naval de Lisboa inaugura depois de amanhã, domingo a época de remo com uma parada nautica em que tomará parte toda a sua flotilha...

Terminou hoje o julgamento do recurso do capitão Almeida Pinheiro

No Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, terminou, hoje, a apreciação do recurso interposto pelo sr. capitão-aviador Almeida Pinheiro...

OS JULGAMENTOS DE HOJE

No sexto Juizo criminal, em audiencia colectiva presidida pelo sr. dr. Nunes de Carvalho, devia realizar-se esta tarde o julgamento de Joaquim Antonio Cardoso...

Terminou hoje o julgamento do recurso do capitão Almeida Pinheiro

No Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, terminou, hoje, a apreciação do recurso interposto pelo sr. capitão-aviador Almeida Pinheiro...

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira...

ZENITH-Recorder

O "Diario de Lisboa" vende-se no Estoril-Caminho de ferro

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira...

A GARRETT

Largo do Chiado, 9 e 11
Almocos completos de 12 e 16 Escudos

Pinte os seus cabelos com KOMMOL e será sempre jovem

REPARAÇÕES
RADIO ELORA
T. S. F.
O LABORATORIO mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.ª - LISBOA

A Cidade

Bebam a famosa CANA IMPERIAL
á venda nos Cafés, Bars, Restaurantes, etc.
DEPOSITARIOS:
A. L. Simões & Pina Lda - Ruadas Flores, 22
Tel. 23850

As Festas da Cidade e o novo vereador do pelouro cultural

Proseguem activamente os trabalhos preparatorios das Festas da Cidade, que não se interromperam por motivo da recomposição que se deu na Camara Municipal.

VIDA PARLAMENTAR

Foi proposta hoje uma alteração ao Acto Colonial pelo deputado sr. dr. Manuel Fratel

Principliou ás 15 e 20 a sessão de hoje da Assembleia Nacional, depois de responderem á chamada 74 deputados.

OS JULGAMENTOS DE HOJE

No sexto Juizo criminal, em audiencia colectiva presidida pelo sr. dr. Nunes de Carvalho, devia realizar-se esta tarde o julgamento de Joaquim Antonio Cardoso...

Terminou hoje o julgamento do recurso do capitão Almeida Pinheiro

No Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, terminou, hoje, a apreciação do recurso interposto pelo sr. capitão-aviador Almeida Pinheiro...

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira...

ZENITH-Recorder

O "Diario de Lisboa" vende-se no Estoril-Caminho de ferro

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira...

A GARRETT

Largo do Chiado, 9 e 11
Almocos completos de 12 e 16 Escudos

VIDA PARLAMENTAR

Foi proposta hoje uma alteração ao Acto Colonial pelo deputado sr. dr. Manuel Fratel

Principliou ás 15 e 20 a sessão de hoje da Assembleia Nacional, depois de responderem á chamada 74 deputados.

OS JULGAMENTOS DE HOJE

No sexto Juizo criminal, em audiencia colectiva presidida pelo sr. dr. Nunes de Carvalho, devia realizar-se esta tarde o julgamento de Joaquim Antonio Cardoso...

Terminou hoje o julgamento do recurso do capitão Almeida Pinheiro

No Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, terminou, hoje, a apreciação do recurso interposto pelo sr. capitão-aviador Almeida Pinheiro...

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira...

ZENITH-Recorder

O "Diario de Lisboa" vende-se no Estoril-Caminho de ferro

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira...

A GARRETT

Largo do Chiado, 9 e 11
Almocos completos de 12 e 16 Escudos

Quem é a mulher

cujo corpo deu á costa em estado de nudez na praia da Tabueira?

O mar não guarda os segredos que lhe entregam. Devolve-os á terra, acrescentando-lhes uma pontinha apaixonada de misterio...

OS JULGAMENTOS DE HOJE

No sexto Juizo criminal, em audiencia colectiva presidida pelo sr. dr. Nunes de Carvalho, devia realizar-se esta tarde o julgamento de Joaquim Antonio Cardoso...

Terminou hoje o julgamento do recurso do capitão Almeida Pinheiro

No Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, terminou, hoje, a apreciação do recurso interposto pelo sr. capitão-aviador Almeida Pinheiro...

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira...

ZENITH-Recorder

O "Diario de Lisboa" vende-se no Estoril-Caminho de ferro

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira
No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira...

A GARRETT

Largo do Chiado, 9 e 11
Almocos completos de 12 e 16 Escudos

JAN KIEPURA e MARTHA EGGERTH

na comédia musical "Ouve o meu coração" que se exhibe no "São Luiz"

GREMIOS REGIONALISTAS

A direcção da Casa das Beiras, na sua ultima reunião, aprovou alguns sociaes novos e resolveu manter o 'chá dançante' já marcada para o dia 31, em que poderá ser admirada a exposição dos desenhos do pintor Alvaro Canelas, actualmente aberta na sua sede.

—E no proximo sabado que a actual direcção do Gremio dos Açores realiza a sua festa de despedida com um grande sarau á franceza organizado pelo compositor musical sr. Nobrega e Sousa.

—Continuando a série de interessante festas que proporciona aos associados, o Gremio Alentejano effectua no proximo domingo, das 15 ás 17 horas, uma 'matinée' em que se exhibirão as alunas de 'Madame Edithon. Seguir-se-he-á, das 17 30 ás 20 e 30, a costumada tarde alentejana.

As aventuras dum "ardina"

Aquele vendedor de jornais do Porto de nome Edmundo Ribeiro, que viajou sem bilhete num comboio da G. F., para poder assistir ao desafio Porto-Benfica, e que foi já restituído á liberdade, conta com o auxilio dos desportistas de Lisboa para poder regressar á sua terra, pois encontra-se desprovido de recursos.

O pobre rapaz procurou-nos hoje para nos fazer esse pedido. Como se trata dum benfiteira entusiasta, esperamos que os sociaes daquele popular clube lisboeta lhe valham nesta afflicção.

Pombo Correios

A Sociedade Columbofila do Centro de Portugal, realiza no proximo domingo o seu concurso official «Figueira da Foz-Lisboa», 165 quilómetros.

A inscrição para este concurso termina hoje, ás 24 horas, na sede da sociedade, devendo os socios apresentar a quota de fevereiro.

Os pombos deverão ser entregues no dia 30, ás 9 horas, nas zonas ultimamente criadas.

Cursos de inglês

No proximo dia 2 de abril inaugura-se na rua Garrett, 74, 2.º, um curso de inglês para preparação intensiva dos alunos que têm exames daquela disciplina em julho tem exames daquela disciplina em julho e cursos de conversação geral. Também se inaugura um curso rapido de português pratico para estrangeiros. Estes cursos para os quais está aberta desde já a matricula, serão regidos por professores ingleses e portugueses.

Esperanto

No proximo dia 1 de abril inaugura-se, na Sociedade Propaganda de Portugal, largo do Chiado, 12, 2.º, um curso elemental de Esperanto, que funcionará ás segundas-feiras e será dirigido pelo sr. Saldanha Carreira.

Vida politica

Tomou hoje posse a nova comissão politica da U. N. da Amadora, composta pelos sr. João Tocaano, Julio José da Silva, Avelino Simões, Manuel Palma, Manuel Romero, Augusto José Gonçalves e Alberto Costa Malaguetta.



Augusto Pinto d'Araujo Confortado com os Sacramentos da Igreja

FALECEU

Maria Madalena d'Araujo Gomes e seu marido, Raul Pinto d'Araujo, Filomena Palmeira d'Araujo, Mario Augusto Melo d'Araujo participam ás pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu muito estremo pai, sogro e avó e que o seu funeral se realiza amanhã, 30, pelas 15 horas, saindo da sua residencia, Avenida da Liberdade, 140, r/c, para o cemiterio do Alto de S. João.

Agencia Salgado Rua de Santa Marta, 163-A—Telefones 48258/59

Avante Portugal!

a fantasia de grande espectáculo, amanhã, em duas sessões, ás 20,45 e ás 22,45 no COLISEU

Teve que ser adiada para amanhã, mercê de difficuldades de montagem, a primeira representação da fantasia «Avante Portugal!» no Coliseu. De modo que só amanhã vai o publico satisfazer a sua ansiedade por este espectáculo brilhantissimo, movimentado e alegre, que será realizado em sessões, ás 20 e 45, e 22 e 45 e em que tomam parte, além dos nossos melhores artistas do genero, formidaveis atrações internacionais, com nomes que só por si faziam um grande cartaz, como o de Harry Fleming, estupefido bailarino, sem rival nos seus sapateados e varias danças exóticas e originalissimas-criações suas; o de Conchi-Lens, admiravel bailarina internacional, o dos celebres parodistas comicos Vitali e Orlo, geniais nas suas excentricidades e muitas outras novidades e surpresas que o publico vai apreciar de modo a tornar de novo o Coliseu no seu preferido ponto de reunião. Os preços são na verdade popularissimos. Domingo: «Matiné».

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.



Oíça!...:

Os cafés d'A Mariazinha, comparados a outros cafés, equivalem, pelo menos, ao seguinte: O de 5400 a outros de 7500

E' facil obter a certeza. Basta prová-los. Se assim não fór, restituí-se a importância.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28 (á igreja de S. Domingos)

Advertisement for 'MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO' and 'PAPEIS PINTADOS' by 'CALHARIZ'. Includes text about 'ELEGANCIA-ARTE-BOM GOSTO' and 'MAPLES FABRICO ESMERADO'.



Porquê?

—Se sofre é porque quer. Por isso não se queixe. Razão de queixa tinham os nossos avós que não conheciam a Cafiaspirina. Era o triste juíz da sua época. Hoje, graças á Cafiaspirina, completamente inofensiva para o organismo, a dor desapareceu. So sófrem os que a não usam!

Cafiaspirina O PRODUTO DE CONFIANÇA

AUTOMOBILISMO

«Record» de velocidade

O sr. José Cruz Alves da Silva, representante em Lisboa dos automóveis «Adler», recebeu hoje de Berlim um telegrama informando que um carro «Adler Trumpf Junior», tipo Sport, bateu uma serie de «records» internacionais, realizando uma corrida de regularidade incomparavel, no percurso de Avus a Berlim.

A título de informação desportiva, publicamos em seguida a nota dos «records» que aquele carro bateu: 4.000 quilómetros, á média horaria de 110, melhorando o tempo em 1 h. 59 m. 8 s.; 3.000 milhas, á média horaria, de 109, melhorando o tempo em 2 h. 39 m. 32 s.; 5.000 quilómetros, á média horaria de 110, melhorando o tempo em 2 h. 48 m. 22 s.; 4.000 milhas, á média horaria de 109, melhorando o tempo em 2 h. 6 m. 39 s.; 5.000 milhas, á média horaria de 108, melhorando o tempo em 24 h. 28 m. 19 s.

Associação «Luz Braille»

No proximo dia 31 realizam-se, na Associação «Luz Braille», uma «matinée» e uma «soirée» a favor do socio individual daquela benemerita colectividade sr. Francisco Lopes.

Os bilhetes, que custam 5 escudos, encontram-se á venda na sede daquela benemerita instituição.

Exposição Alvaro Canelas

Organizada pela revista «Momento», realiza-se amanhã, ás 21 e 30 horas, na Exposição Alvaro Canelas, patente na Casa das Beiras, um sarau literario em que tomam parte os artistas José Augusto, Artur Augusto e Eduardo Malta.

União Electrica Portuguesa

S. A. R. L. PORTO Dividendo de 1934

Avisam-se os senhores Accionistas de que, a partir de 1.º de Abril proximo, está em pagamento na sede do Banco Pinto e Sotto Mayor, em Lisboa, e na sua Filial do Porto, o dividendo complementar de 6 0/0, cativo de impostos, ou seja:

Esc. 5837 por cada acção nominativa e Esc. 5818 por cada acção ao portador. Porto, 28 de Março de 1935. A Direcção

CARTAZ

TEATROS Nacional—A's 21 e 30.—O Solar dos Barrigues e a revista «Ondas Curtas». Gimnasio—A's 21 e 30.—Deus lhe pague. Avenida—A's 20 e 30 e 22 e 45.—As Pupilas do Sr. Reltor. Variadades—A's 20 e 45 e 22 e 45.—Arroz doce.

CINEMAS

S. Luis—A's 21 e 30. Tivoli—A's 21 e 30. Central—A's 21 e 30. Politheans—A's 21 e 30. Dondes—A's 21 e 15. Olympia—Das 14 e 30 ás 24. Chiado Terrace—A's 21 e 15. Capitolo—A's 21. Royal-Cine—A's 21 e 15. Palácio—A's 21 e 30. Paris Cinema—2045.—R. Domingos Sequeira. Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvaes Cabral. Eden-Cinema—R. do Aviz, a Alcantara. Saldá Ideal—Rua do Loreto. Odeon—A's 21 e 15. Sport Lisboa e Benfica—Secção cinematografica—Av. Gomes Pereira—Benfica. Belem-Jardim—A's 21

A sala-restaurant do CAFÉ «CHIC» tem conforto, assento inconvulvel, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação. —Porque a não visita V. Ex.º?

Advertisement for 'DOMUN' aperitivo. Includes text 'Aperitivo DOMUN Estomacal' and 'Beba uma so vez... Verá que bom!'. Also 'Mais delicioso e suave'.

TORROAES



Relogios de parede Despertadores dos melhores fabricantes Modelos modernissimos, de absoluta novidade 119, R. DA PRATA, 123—Telef. 24210

Quer a sorte grande? Habilite-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

Capristano & Ferreira, L. da

Table with columns for 'CORRARIO DAS GARREIRAS DE AUTO-CARS', 'Garreiras', and 'Horas de partida'. Lists routes like Lisboa-Leiria, Lisboa-Peniche, etc., with corresponding times.

Partidas de Lisboa Largo de S. Domingos, 11 letra A Palacio Comda de Almada TELLEFONE 2 1103

Semana Santa e Feira de Sevilha Excursão Saída de Lisboa no dia 18 de Abril e regresso no dia 22, por Esc. 180800. 3 AUTO-CARS DE LUXO Capristano & Ferreira, L. da Largo de S. Domingos, 11, letra A

SUM E' o melhor limpa metais

ESTRANGEIRO

Senhoras

PRIMOL a melhor tinta para pintar os cabelos em 15 minutos...

BOLSA DE LISBOA 29 de março CONTADO

Table with columns: VALORES, Elevação, Compra, Venda. Lists various market items like Fundos do Estado, Ações, and Câmbios.

Proeza dum "gangster,"

NOVA YORK, 29.—O "gangster" Herman Sandler, condenado ha um ano, por ter assaltado o Banco Nacional Americano...

O rapto do jornalista alemão

PARIS, 29.—Gulluame, commissario da Policia judiciaria, tem continuado a ouvir testemunhas na investigação a que está procedendo com respeito ás responsabilidades de Wese-man...

O jubileu de Jorge V

DUBLIN, 29.—O presidente De Valera desfeiteou o rei Jorge V, da Inglaterra, anunciando ao chefe do governo britânico que não podia aceitar o convite que lhe fora enviado para se associar pessoalmente ás homenagens comemorativas das bodas de prata do soberano...

Depois da revolução grega

ATENAS, 29.—O tribunal marcial que está a funcionar nesta cidade deve preferir hoje a sua primeira sentença.—(Havas)

A moeda belga separou-se do padrão-ouro

e será desvalorizada em 25 %

BRUXELAS, 29.—O novo governo apresentou-se hoje á Camara. A declaração ministerial, esperada com grande interesse, foi lida pelo chefe do governo, Van Zeeland...

O problema—que por nossa infelicidade desperta a atenção ansiosa de todos os belgas, é o monetário.

Ha actualmente duas moedas, com cotações que começam a divergir: uma interna, outra externa. O «controlo» cambial veio acrescentar mais uma dificuldade ás que sobrecarregam os negocios e não conseguiu impedir as saídas de capitais e a diminuição do ouro em caixa.

A declaração ministerial cita em seguida as dificuldades em que se têm visto nestes ultimos meses os bancos belgas, e as suas repercussões na opinião publica.

«O movimento persistente das retiradas de depósitos obriga os Bancos a recorrer ao Instituto Emissor. Este tem-se visto obrigado a intervir para evitar accidentes graves».

«O governo reconhece ser impossível assegurar a defesa do franco belga, com os métodos e ao nivel até agora adoptados. A fim de conjurar males maiores o governo convida o pais a tomar novo rumo. Assim a partida de ouro actual, estabelecida pelas leis de 1926, será suspensa».

«Propomo-nos usar de todos os meios para apressar a conclusão dum accordo internacional que estabeleça o principio do padrão ouro para as moedas. Pediremos ao Parlamento, na previsão dessa eventualidade, que nos autorize a ligarmo-nos de novo ao ouro em virtude dum pacto a assinar pelos grandes países, mas não ao nivel de agora».

Este regime entrará em vigor depois de amanhã. Para evitar manobras haverá uma desvalorização cambial. Van Zeeland annunciou já a depreciação de 25 0/0 em relação ao nivel actual da moeda...

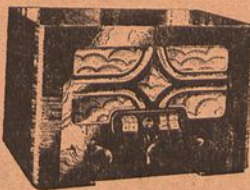
A declaração ministerial continua: «Assim apoiado por uma nova linha de defesa dotado dum encaixe ouro cuja percentagem se revelará superior ao que actualmente é, o franco belga passará a disfrutar duma solidez incomparavel».

O governo propôs-se, não só instituir o «controlo» dos Bancos, como aliviar os encargos fiscaes, criar uma Repartição de desconto no Instituto Hipotecario e diminuir o preço do aluguer do dinheiro. Finalmente o governo vai orientar todo o seu programa no sentido da expansão económica, porquanto é este o unico método de voltar a fazer trabalhar aqueles que se encontram desempregados.—(Havas)

Vamo-nos embora!



Fujamos a esta multidão. Em casa apreciaremos, mais tranquilos e com maior conforto a diversidade de programas que nos proporciona o nosso Philips 521..



- Selectividade
- Sensibilidade
- Puresa de som

Esc. 120\$00 mensais

PHILIPS

"OCTODO SUPER," 521

AS TEMPESTADES DE AREIA

já provocaram 100 mortos

NOVA YORK, 29.—As tempestades de areia provocaram uma doença a que se dá o nome de «pneumonia de areia». Ha milhares de pessoas atacadas, e já se registaram mais de cem mortes. No Colorado a areia acumulou-se de tal modo junto das casas, que é preciso afastá-la com enxadas para se poder entrar.—(Americana).

Deportações na Russia

RIGA, 29.—Noticias de Moscovo dizem que nos ultimos tempos se fizeram 10.000 deportações de medicos, engenheiros, professores, estudantes, operarios e muitas mulheres.—(Americana).

Herr. que de Barros comes
Correto: offica da Bolsa de Lisboa
Tele. 2 5432 Rua S. João, 69

CAMBIOS

Table with columns: VALOR, Compra, Venda. Lists exchange rates for various locations like London, Paris, Madrid, etc.

Advertisement for VALDA Pastilhas, describing its benefits for various ailments like bronchitis and asthma.

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
 Grandes fabricas de boas produções ceramicas de **VIDROS DE ALUMINA PARA TODOS OS USOS**
 Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setúbal, Faro, Portimão e etc.
 A CERAMICA QUEBONRA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
ANIACHAK,
 O Preludio do Inferno
O Danubio Azul

O MOMENTO INTERNACIONAL

A Imprensa inglesa mostra-se optimista acêrea das conversações em curso

Lord Eden, Litvinoff e Staline acordaram numa acção comum para a defesa da paz

LONDRES, 29.—O resultado das conversações de caracter informativo que lord Eden effectua neste momento em Moscovo e que proseguirá em Varsovia e Praga é esperado com ansiedade natural para que se possa formar um juizo mais concreto e mais amplo sobre a situação europea. Logo que se possuam todos os dados, a situação será devidamente discutida por sir John Simon, Mussolini e Pierre Laval na conferencia de Stresa.

Os jornais de Londres, comentando a série de conversações de caracter informativo, que se realizaram em Berlim, dizem que elas serviram pelo menos para tornar mais forte a idéa já existente da gravidade dos problemas que esser três homens de Estado devem tratar e resolver nessa reunião.

Segundo que afirmam o «Daily Telegraph», o «News Chronicle» e o «Daily Herald», o chanceler Hitler teria declarado que a Alemanha possui já uma força aerea tão forte como a britânica, que o Reich deseja a paridade naval com a Italia e com a França e que o objectivo do serviço militar obrigatorio consistiu em dotar o país com um exercito de 500.000 homens.

O «News Chronicle» diz que, segundo se afirma em Berlim, não houve da parte da Alemanha qualquer sugestão quanto a um sistema colectivo de segurança. O mesmo jornal diz que o governo britânico compreende agora que a situação na Europa terá de se encetar de outra maneira e que o facto dará uma enorme importancia á Conferencia de Stresa. O «Daily Herald», por outro lado, diz que o principal papel da Gran-Bretanha deverá ser o de tornar mais forte e mais sólido o papel que desempenha a Sociedade das Nações e conseguir o desejado sistema de segurança colectiva.

«Sem a Alemanha» — escreve aquele jornal — a S. D. N. estará incompleta; mas mesmo sem a Alemanha, aquele organismo poderá manter a paz na Europa. O «Daily Telegraph», referindo-se ás consideráveis divergencias de opinião que existem entre os governos britânico e alemão — segundo as declarações feitas ontem por sir John Simon na Camara dos Comuns — diz que as conversações de Berlim serviram, pelo menos, para se chegar a essa conclusão. O mesmo jornal, aludindo á tão falada attitudde de Hitler perante a Russia sovietica, escreve: — «A opinião publica britânica tem o direito de perguntar porque é que, se a Alemanha justifica as necessidades do seu exercito terrestre e aereo e em virtude do perigo comunista, e se não possui quaisquer intenções de expansão no lado oriental, se mostra tão renitente a entrar num pacto colectivo de segurança?».

O «Times» escreve apenas o seguinte: — «A primeira necessidade da nossa civilização é opôr a uma concentração de aviões de bombardeamento uma esmagadora concentração de forças. O «Manchester Guardian», comentando a situação, é de opinião que a attitudde da Inglaterra começa a pouco e pouco a tornar-se clara: — «Consiste em tornar sólido o sistema europeu por todos os meios ao nosso alcance — que são diversos — e com a nossa influencia — que é grande». Este jornal entende que tudo indica que a situação não é pessimista e que a despeito de todos os malôgos e alarmes destes ultimos dois anos, as nações da Europa apertam os laços que as prendem. Desamamos vivamente que a Alemanha ethia a sua parte nesta fusão de nações. Em todo o caso, uma coisa é certa — a necessidade da coesão proseguirá.» — (Havas).

Comentarios americanos

NOVA YORK, 29.—A attitudde da Inglaterra perante as exigencias da

Alemanha no que respeita ao rearmamento provoca na Imprensa americana comentarios extremamente contradiatorios. O «World Telegram» escreve: «Uma guerra de origem alemã dirigir-se-á contra a Russia. A Alemanha «trabalha» o governo conservador britânico, pois considera-o o elo mais fraco da cadeia dos aliados, desejosos de evitar a guerra. Hitler manobra inteligentemente ao medo á Alemanha e do odio á Russia sovietica, e para convencer o governo britânico da potencia militar alemã agirá unicamente contra a U. R. S. S., procurando obter assim a neutralidade da Inglaterra.» — (Havas)

O programa naval frances

PARIS, 29.—O Senado aprovou por unanimidade—272 votos—o projecto de lei que autoriza o governo a mandar executar o programa naval de 1935. Esta deliberação foi tomada depois da intervenção de Pietri, ministro da Marinha, que justificou a necessidade da construção imediata de um cruzador de linha de 35.000 toneladas e dois contra-torpedeiros. — (Havas)

O problema austro-alemão

VIENNA, 29.—Rataja, antigo ministro dos Estrangeiros, proferiu ontem um discurso nesta cidade em que declarou que irrealizavel o apaziguamento austro-alemão. «A Alemanha» — disse — não descansará enquanto não anexar a Austria, a não ser que sofra uma derrota total. A conquista da Austria é para Hitler uma questão pessoal. Não o esqueçamos.» — (Havas).

Conversações franco-britânicas

LONDRES, 29.—O embaixador da França nesta cidade teve ontem uma larga conferencia, no «Foreign Office» com sir Robert Van Sittart, secretario de Estado permanente. — (Havas).

Comentarios alemães

BERLIM, 29.—Quasi todos os jornais, comentando a informação do «Daily Telegraph», oficialmente desmentida pelo governo do Reich, e passando em revista outras noticias sobre pretensas propositos ou desejos da Alemanha, dizem que seria de desejar maior comendimento e uma maior noção da responsabilidade. «Não se compreende — diz o «Berliner Tageblatt» — que jornais que se mostram tão devotados á ordem tudo façam para alarmar e criar embaraços.

«O Fuehrer — acrescenta — mostrou aos representantes da Inglaterra o que pretende. Não se deve esquecer, como frisou o «Times» e declarou John Simon, que os ministros ingleses vieram a Berlim para se informar e não para tomar decisões.

Por motivo da recente manifestação do «Francismo», em Paris, manifestação em que o fundador daquele movimento nacional, rancés, Marcel Bucard, defendeu o Estado corporativo e uma aproximação franco-alemã, que garantisse a paz de uma vez para sempre e atacou uma aliança franco-russa, toda a Imprensa diz que o povo francès quer trabalhar em sossego, sem se preocupar com in-

trigas, acompanhando os ex-combatentes, cujo patriotismo foi firmado praticamente.

A «Frankfurter Zeitung» diz que sobre o problema do rearmamento alemão são possíveis negociações para a modificação da lei militar alemã. Hitler pôs assim a questão, nas suas conversas com os delegados ingleses e declarou-se pronto a assinar uma convenção sobre os armamentos. — (Americana).

As conversações de Moscovo

RIGA, 29.—Comunicam de Moscovo que Eden, Litvinoff e Staline acharam necessaria uma acção comum para a defesa da paz. A decisão final depende da conferencia de Stresa. — (Americana).

O Reich informa os Estados Unidos

WASHINGTON, 29.—O embaixador da Alemanha nesta capital teve hoje uma larga entrevista com o secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, sr. Hull, a quem deu conhecimento verbal da posição do governo do Reich perante a crise politica e de armamentos que se está a registar na Europa.

Tanto o embaixador como o ministro Hull, se negaram a fazer quaisquer declarações sobre a troca de impressões que realizaram. — (United Press).

Chefe temporal e espiritual

BERLIM, 29.—O chanceler Hitler tem o proposito de estabelecer o periodo minimo de dois anos para o serviço militar obrigatorio.

Supõe-se que Hitler, tal como succedeu na suprema magistratura da nação, poderá vir a er o chefe supremo da igreja na Alemanha, a fim de se pôr termo ás divergencias que trazem divididas as igrejas catolica e evangelica no Reich. — (United Press).

ESTÁ A ARDER NO PORTO

uma fabrica de tintas e alvaiades e encontram-se em perigo outros edificios

PORTO, 29, ás 17 e 10 (Pelo telefone) — Pelas 17 horas declarou-se, com grande violencia, um incendio na fabrica de tintas e alvaiades «Alvôr», pertencente á firma Carvalho, Ribeiro & Cª, no largo do Corpo da Guarda, no populoso bairro da Sé.

As chamas elevam-se a grande altura, e uma enorme multidão é contida a distancia pela Policia.

Trabalham na extincção do incendio todas as corporações de bombeiros.

A fabrica em chamas compõe-se de diversos barracões que estão situados num local rodeado por pequenas fabricas, entre as quais uma de refinação de açúcar.

Perto do edificio incendiado, ha alguns armazens de materias inflamaveis e uma dependencia pertencente á Guarda Fiscal, que segundo se afirma tem all instalado um deposito de munições.

Até á hora a que telefonamos, não ha noticia de qualquer desastre pessoal.

BAILE DE MI-CAREME no Jardim Cinema

Anuncia, 3, realiza-se no grande salão de festas desta Casa de espectaculos um grande baile de «Mi-Carêmes», animado por dois magnificos grupos musicais.

ZENITH-Recorder

MAXIM'S

Amanhã, Sabado, 30
 Estreia da Orquestra Feminina
BLUE JAZZ LADIES

Varietades pelas bailarinas alemãs
Spadoni e Ilda Valnar
 ULTIMO BAILE DE MASCARAS
 As senhoras mascaradas têm entrada livre

Demitiu-se o govêrno espanhol

por ter poupado a vida a 21 condenados á morte

MADRID, 29.—Na reunião de hoje do Conselho de ministros resolveu-se, por maioria, conceder o indulto ao ex-deputado socialista Gonzalez Peña e a mais vinte condenados á morte, por motivo da ultima revolução.

Perante esse facto, os ministros da «Cedá», os liberais-democraticos e os agrarios apresentaram imediatamente a sua demissão. Lerroux declarou que a crise seria total.

Após terminar o Conselho, o chefe do govêrno confirmou a demissão colectiva do gabinete e anunciou que ia solicitar telefonicamente a vinda de Alcalá Zamora a Madrid, a fim de lhe apresentar a demissão. — (United Press).

Mais uma condenação á morte

SARAGOÇA, 29.—O conselho de guerra que se reuniu nesta cidade para julgar os implicados nos acontecimentos ocorridos durante a revolução de outubro na povoação de Uncastillo, condenou á morte o ex-alcaide Antonio Plano, considerado chefe do movimento. Os restantes acusados, para quem o promotor de justiça pedira tambem a pena de morte, foram condemnados a prisão perpetua. Dos outros 55 para quem a acusação fora mais benevolia, uns foram restituídos á liberdade e outros viram as suas sentenças muito reduzidas. — (United Press).

Vida parlamentar

(Continuação da 5ª pagina)

veis, rusticos ou urbanos, afincantes á sua instalação.

Vencimentos do funcionalismo

O projecto sobre vencimentos do funcionalismo publico merece á Camara, entre outras, as seguintes considerações:

O projecto da lei n.º 19, da autoria do deputado sr. Antur Leal Lobo da Costa, vem focar um problema a que não negamos interesse, mas que nos parece não poder ser objecto facil de reforma enquanto não for considerado no seu conjunto e enquanto não for baseado naquelles elementos de resolução que só a Administração possui.

Para legislar em materia de vencimentos é necessario, com effecto, possuir os mais minuciosos dados da situação. Só nos ministerios esse estudo pode ser feito utilmente, embora depois (mas com os dados fornecidos pela Administração, e que só ella está em condições de elaborar) estejamos aptos, nos tambem, a formar opinião segura sobre o assunto.

No projecto em referencia nem o problema é tratado no seu conjunto, nem o seu autor, como nós, aliás, se encontra na posse de elementos bastantes para decidir com segurança.

Não ha nesta apreciação o menor desprimor. Resulta como inclusivel consequencia da posição em que, uns e outros, nos encontramos fora da Administração.

Posta a questão neste pé, a Camara termina o seu parecer por considerar, mesmo, que o projecto não traz novidades que mereçam a sua transformação em lei.

Conselho da presidencia

Reuniu-se hoje o conselho da presidencia da Camara Corporativa que distribuiu pelas secções respectivas as quatro propostas de lei enviadas ontem pelo govêrno á Assembleia Nacional.

ZENITH-Recorder
 ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

TRÊS INEDITOS

A MORTE DE D. LUIZ

evocada por Guerra Junqueiro numa pagina de extraordinaria intensidade dramatica

Antonio Feijó e o autor dos «Simples» enamoraram-se, liricamente, da mesma mulher

Entre os nossos papéis velhos possuímos, em autógrafo, um escrito em prosa do autor da *Morte de D. João*, que julgamos inédito.

Trata-se de um artigo que, a propósito da morte de el-rei D. Luiz, ocorrida em 19 de outubro de 1889, devia ser publicado no velho «Jornal do Comercio», mas que por circunstâncias para nós desconhecidas, não teve aquele destino.

Não é comparável ás paginas famosas que, nos *Gatos*, dedicou ao *Enterro de D. Luiz*, Filho de Almeida, mas é um pedaço de prosa, bem junqueiriano, que merece ser conhecido.

É datado, de Viana do Castelo, onde então residia o poeta, que ali se consorciou com uma irmã do comendador... e alquilador Sebastião Neves, sobrinho de um esquecido vate e boémio Manuel da Graça Roças, autor dum livrinho de inspiradas poesias *Rosas dum dia*, impresso naquela cidade em 1894.

Também, entre os nossos papéis velhos encontramos a copia de uma poesia de Guerra Junqueiro, que supomos inédita, feita nesta cidade, em 1880 ou 1881, e dedicada a sua futura cunhada Maria, que, depois desposou o, mais tarde, general Silva Monteiro. Tem por título *Maria*.

A propósito desta poesia escreveu, na mesma ocasião, uns versos, que intitulou *A uma loira*, o falecido poeta limiano Antonio Feijó, que residia em Ponte do Lima, mas que, por aquela época, la frequentes vezes á risonha Viana, onde floresciam, então, muitos engenhos poeticos que, pelas paginas da *Aurora do Lima* e do *Pero Galego*, espalhavam as suas produções.

Parece-nos interessante, dando á publicidade estes inéditos, deixar assim enlaçados os dois notáveis poetas portugueses Guerra Junqueiro e Antonio Feijó, ambos bem dignos da nossa maior admiração.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA



voz alta as supremas orações, e a esposa, os filhos, os criados do Paço acercam-se do leito do moribundo. E' a pragmatica que o ordena. A morte dum rei constitui ainda, ao que parece, uma cerimonia de côrte, um acto official, regulamentado e fixo. O monarca, no derradeiro alento, não dá acôrdo de si... Ainda bem!...

Mas eis que de subito acordou Deus aquela alma, e disse-lhe—cômplote!—E a alma do moribundo despertou da catalepsia pantanosa e veio assomar-se estremunhada e livida ás janelas embaciadas dos seus olhos...

E ela viu instantaneamente o seu corpo real apodrecido e cadaverico, lavrado de chagas, roído de gangrena, coberto de ignominia, e diante dele os seus corteãos, os seus ministros, os seus aulicos, como espectadores inesperados da sua agonia pavorosa, da sua miseria excruciante, desesperadamente irremediavel, irremediavel, irremediavel!...

Que grito mudo de aflicção e de piedade se desentranharia nesse instante dessa alma! Que grito inexprimivel de dôr e de sofrimento, como nenhum outro mais fundo tenha talvez rompido ainda do coração dum homem!

Oh, como a alma do monarca fugiria horrorizada dessa visão tremendissima, indo esconder-se a soluçar na noite interna do seu cerebro, onde por sua vez lhe surgiria ainda tragica e formidanda a visão enigmatica do infinito, o misterioso espectro inevitavel da eternidade e do silencio!...

Como eu compreendo bem que o desgraçado monarca despedisse então a sua côrte com um olhar d'enfado, voltando-o ao mesmo tempo lacrimoso e reconhecido para quem na sua agonia atormentada e sobrehumana lhe fôra a companheira inexcivelmente boa e carinhosa!...

Viana do Castelo, 25.

GUERRA JUNQUEIRO

A uma loira

Alguem, que muito admiro, e de quem sou amigo, Num poema que lembra um memorial antigo, Chamou-te irmã do lirio e pomba e rosa e aurora... A que ha de abalançar-se o meu engenho agora?

Eu não encontro flôr nos prados em abril
Que possa comparar-se a uma mulher gentil.
E depois disto eu só posso dizer-te em suma,
Que és formada dalgum flocco d'espuma,
E dum raio de sol que, ao aquecê-lo, doira
Num beijo luminoso, os teus cabelos, loira!

ANTONIO FEIJÓ

A Maria

Loira como um enxame esplendido de abelhas;
Loira como os trigais e as crianças vermelhas;
Loira como em agosto á beira dos caminhos
A madresilva em flor embalsamando os ninhos;

Loira! tu és formosa e portanto és bondosa
A tua irmã é o lirio, e tu, Maria, a rosa;
Ora tu sabes bem, sou sacrilissimo franco,
Que eu amo doidamente, a rosa, o lirio branco.

Protege o vosso amor, protege a tua irmã;
Sim, anima, protege a estrela da manhã!
Auxilia-nos, pomba, e diz-nos qual seja
O caminho que leva os noivos para a igreja.

GUERRA JUNQUEIRO

Na tragica e formidavel agonia de D. Luiz I, que mais parece inventada por Eschilo ou Shakespeare para o final castigo pavoroso dalgum tirano legendario, ha sobretudo um momento imortal, duma grandeza horrida e sinistra, momento que é a concentração de milhões de seculos d'angustias, e de tal forma extraordinario e dilacerante que a minha alma, contemplando-o, atonia d'assombro, trespassada de panico, cai numa síncope inenarravel de misticismo e de infinito.

A cena, em resumo, é esta:
El-Rei, segundo afirmam, não teve nunca a consciencia perfeita do seu estado irremediavel.

A doença nos ultimos dias precipitou-se rapida e fulminante. Veio a paralisia, o delirio, o coma, a decomposição, a insensibilidade quasi. A medicina, torturando-o, prolongára-lhe a morte. O corpo d'El-Rei era um cadaver, onde a alma inerte bruxuleava trêmula, froula de vida inconsciente num montão de cinzas insensíveis. A agonia era atrocissima para quem a presenciava. Para o agonizante já não, dizia a ciencia. Como os mortos não sofrem, El-Rei quasi que não deveria sofrer. Ainda bem! Decorrem 48 horas interminaveis... Nisto aproxima-se o ultimo esterior... O Patriarca resa em

HISTORIETAS EXEMPLARES

por **JOAQUIM MANSO**

NOVELA DUM HOMEM

lhe apreensivos, tentando com delicadeza desviá-lo dos pensamentos sombrios:

—Porque não vais dar um passeio pelo estrangeiro? Isso far-te-la bem...

Ele sorria do fundo imenso da sua tristeza e afastava, com um ligeiro encolher de ombros, a sugestão inerte e desapeçada.

—Viajar, para quê? Eu careço, sobretudo, de viver em paz comigo, em silêncio absoluto. Mesmo que desse volta ao mundo, toranria mais palido e mais vincado pelo sofrimento.

—Mas de que te queixas tu? Definhas de dia para dia e ninguém conhece o mal que te punge. Consulta medicos de confiança que estudem o teu caso e tu se prescrevam um tratamento rigoroso. Assim é que não podes ser!

Ele baixava a cabeça num gesto de renuncia total, como se lhe tardasse o abraço da morte e após um momento de cisma virava-se para os presentes, com falsa decisão:

—Pois bem! Partirei amanhã para Lisboa, a fim de esclarecer-me e sossegar-me. Não deve ser nada... Duas semanas, numa casa de saude, e fico são como um peiro.

—Ora até me enfim! Se ha mais tempo te tivesses resolvido, não haveria tantas inquietações em roda de ti. Um homem na força da vida...

Um a um, despediam-se os amigos que não se ludiam com a sua promessa nem com a sorte que o esperava. Por seu lado, ele sabia que as palavras animadoras com que queriam embalarlo significavam, quando muito, amparo inútil, numa situação julgada e condenada. O ultimo a retirar-se era sempre o seu antigo condiscipulo Manuel Moniz, que da advocacia derivara para a lavoura e da lavoura para a meditação das «verdades impenetráveis». Os dois entendiam-se e desabafavam na maior intimidade.

—Querido Manuel, não me doi nada, mas sinto que me apago como uma vela que não tem mais cera para queimar. Não sou casado nem tenho parentes que me interessem. Comigo acaba uma familia e um rosario de virtudes. A's vezes, pergunto a mim proprio:

—Não te pesa a renuncia, quando os outros, na tua idade, ainda formam planos e constroem lares? Com franquesa, não me seduz a idea de prolongar a geração dos Silveiras, meus rijos antepassados. Está assente: serei o mais fragil, o mais palido e o mais desolado dos seus bisnetos. Todos eles trabalharam, cada qual a seu modo, para que eu lutasse pela divisa que honraram: «Servir e partir».

—Não prefeririam eles que reparasses a capela em que fazem as suas venerandas cinzas, mostrando assim quanto estimas os exemplos que te legaram?

—Inútil e impossivel. Conheces-me, desde menino. Fui sempre o mesmo:

uma raiz anemica e um coração hesitante. Os meus avós gastaram a herança que me cabia e deixaram-me os seus remorsos. Eu sou o filho das suas penitencias. Em mim se ajuntaram as suas fraquezas. E por isso que não goso de saude nem de alegria. Se chorasse, talvez, com as minhas magoas reverdescesse a cineraria que me refrescou a mocidade. Depereço com a carga incorporea das imperfeições que me conceberam. Os delittos que ousaram e as faltas que cometeram deram aos meus antepassados o direito de eu lhes sacrificar a existencia. Em cada uma das minhas celulas, está occulto um peccado. Que consulte um medico, muitos medicos—recomendam-me. De que serve curar-me? O meu mal escapa á penetração da ciencia. Poderá alguém descobrir na minha consciencia as enfermidades que é de uso pesquisarem-se nos corpos? Succumbo, meu Manuel, por todas as negações que se acumulam numa longa genealogia e que se resumem nesta formula: «Morreu, sob o peso de sete seculos de impurezas!».

—Quando tu falas, cuido que tu achas uma desculpa para a pena que trazes recatada no peito...

—A minha intenção, ao abrir-me contigo, aspira modestamente a convencer-te de que não sou um gafado, um ceptico ou um torturado romantico. Tenho a minha fé—pior que a cicutu. Mesmo que para viver, eu houvesse de a renegar, não me atreveria. Se algum lampejo de orgulho me resta é este—transportar para o Calvario a cruz que me lançaram sobre os ombros os Silveiras que, no outro mundo, aguardam a minha chegada. Na elegia das cinzas, não existe amargura superior á minha...

—Recolhe-te, que o ar frio da noite põe-te a tiritar.

—Adeus, Manuel, e não te esqueças de me trazer o recente livro de Valery. Necessito que a razão matematica dum poeta me ajude a compreender a paixão dum asceta. Anda o mundo tão desconcertado que me faz lembrar aquele castelo onde os servos prenderam os senhores e lhes vestiram as suas libras.

Estava velho aos quarenta anos—sem uma esperança nem uma illusão. Quando olhava atentamente para si, medindo a queda do seu ser, dizia baixinho: —Perdido sem remedio...

Os amigos falavam dos pensamentos sombrios.

Ergueu-se ás sete horas da manhã e começou logo a praguejar contra a porta do quarto onde a filha dormia:

—Toca a levantar num pulo, não seja preguiçosa. Tem de governar a casa e dorme a sono solto. Diabos levem quem não cuida das suas obrigações!

E num rompante de animal insorrido, partiu pelo corredor adiante, embrulhado no vasto roupão desbotado, batendo no soalho com as grossas sandalias, pesado e enorme, resfolegando com a sua rouquidão de bronquiteo:

—Has de ser «fresca» com esse amor á carna e esse arzinho pintado de Nossa-Senhora-não-te-rales. Gasta a gente rios de dinheiro a educar uma filha que vem do collegio, ao cabo de oito anos, triste e pallida como se não tivesse sangue nas veias.

Aproximou-se duma janela com grades que, lá ao fundo, abria para a toalha argentea do rio, demorando-se na contemplação do primeiro barco que, no caminho do Barreiro, atrava para o azul purissimo e orvalhado alguns rolos de fumo, dourado pelo sol nascente.

—Tudo desperta e se agita para o trabalho...

Virou-se para trás e, vendo que o quarto continuava fechado, trémulo de ira e de rumorosa impotencia, imaginando que o terror la brotar das suas passadas violentas, gritou:

—Ou sim, ou sopas! A menina salta cá para fora ou espera que eu lhe tire a lazeara?

Nisto, Maria Dulce surgiu, calma e perfeita no seu quimono de ramagens azuladas, apertado na cintura breve por uma larga fita preta, em grandes laços frouxos.

—Bons dias, papá! Está zangado, porque?

—Não querem lá ver a sossa! Apressai a tua vinda do collegio, visto seres agora a providencia da casa, e ficarias certamente na cama até ao meio dia, se eu te não acordasse...

—Não digas tolices, papázinho. Quando rompeu pelo corredor, como uma peça de artilheria, já eu tranquilamente me vestia para depois me entregar ás minhas obrigações. Não se impaciente, que as pressas geralmente fazem-nos andar mais devagar.

—Bonito! Agora armas em doutora e pretendes dar-me lições. Raios partam a minha sorte! Sou mais velho que tu e portanto exijo respeito e consideração, quando te diriges a mim. Como o mundo anda torto...

—Não se irrite, porque podem os criados supór que eu o ofendi. Quero ser obediente, como a folha ao vento que passa. Mas não me roube a autoridade de que careço para me impor. Se o papá me desconsidera, quem será a minha protecção? De resto, é bom que se não esqueça de que fiz dezoto anos e gosto de ser-lhe agradável, por inclinação e não por medo.

O sr. Manuel Antunes, industrial de fundições, honrado nos seus negocios e improvisoso nos seus hábitos, despotico como um príncipe e submisso como um escravo, fez meia volta e abalou para o seu banho, murmurando confuso:

—O diabo da rapariga nem é medrosa nem parece parva. Convem não lho dar a perceber, aliás põe-me o pé no cachaço.

Durante alguns dias, quando a luz matinal espalhava pelas aguas do Tejo os seus tons ruivos, el-lo pé ante pé a escutar se a filha dava sinal de proceer ás suas abluções. Recolhera os seus destemperados rumores de Cesar grotesco. Depois de trint'anos de tirania domestica, o sr. Manuel Antunes sentia-se espicado pela seguinte duvida:

—Terêi eu sido um esposo cruel e insuportavel para a minha saudosa mulher?

Esta interrogação trouxe-lhe remorsos, subitas mudanças de cor e perda gloriante de peso. A consciencia reagiu nele, provocando tambem inapetencia.

—Que ela me perdõe os desgostos que lhe causei e que ela—coitadinha!—sofreu sem um queixume.

Passou a demorar os olhos na filha, quasi com susto, mas eternecido. No escriptorio, lembrava-se dela e dizia consigo:

—Filha da minha alma, como ela é linda e atenciosa coisa! Deus má conserve para bem.

Quando regressava ao lar, subia as escadas com esforço para entrar mais depressa e beijá-la com um enbevo feito de devoção pela maravilha que Deus lhe reservara para a sua velhice dinheirosa, mas carecia de carinhos nunca provados.

—Esteve cá, papázinho, o José Antonio, que me trouxe aquele ramo de lilazes brancos...

Manuel Antunes empalideceu, encostando-se a um contador, com receio de cair. Suspeitou que um ladrão se preparava para lhe roubar o seu tesouro. Perderia ele qualquer dia a sua querida filha nos braços fortes e amorosos dum noivo irresistivel?...

Desapertou-se-lhe o furor no sangue a escaldar: e bateu com os pu-

IMAGENS DE PORTUGAL



«COIMBRA», desenho de João Carlos

Vêr continuação na 7.ª pagina

Notas em circulação



Nem mesmo alguns séculos depois da sua consagração é fácil e sorde das obras-primas. O excesso de comentários e interpretações abafa-as, persegue-as, perturba-as na simpatia do publico, e até ás vezes deminui a sua limpida irradiação através dos espiritos que se dispunham a admirá-las sem reserva. O teatro de Shakespeare não escapou, já se vê, á triste sina, sofrendo vicissitudes semelhantes áquelas que atingiram o nome do seu autor, ora considerado pseudônimo de Bacon, ora disfarce de lord Essex. Agora, parece que, realmente, Shakespeare era Shakespeare—e nada mais.

E nada mais é necessario, de facto, para que o mundo inteiro continue a adoptar e a venerar o seu genio de inegalavel fulgor.

Mas, não ha talvez quinze dias, o professor belga sr. Henri Grégoire, communicou á Academia de Inscrições e Belas Artes de Paris uma descoberta sensacional sobre a origem da inspiração da «Tempestade», jola radiosa do lirismo shakespeareano. E o que disse o sr. Henri Grégoire? Disse que a «Tempestade» fóra inspirada num conto popular bulgaro, já aproveitado por um alemão, Ayrer, e por um espanhol, Eslava, no século XVII. O sr. Grégoire demonstrou eruditamente que os personagens da «Tempestade» tinham sido fornecidos pela lenda, desde Prospero á sua filha, desde esta ao seu apaixonado, etc., etc. Uma série de argumentos esmagadores. Só Ariel, o alado e infavel Ariel, é criação pessoal do grande Will. Só—e basta, afinal. Sem Ariel, a «Tempestade», a «Tempestade» de Shakespeare não existe. Em Ariel reside á sua beleza, o seu encanto, a

sua perfeição de arte, a sua filosofia, a sua poesia de imarcessivel sedução, á sua immortel e deliciosa doçura. De que vale pois saber-se que Shakespeare baseou as outras figuras no velho conto bulgaro? Imitou-o ele? Não! Transfigurou-o. E é nessa transformação que está a profunda originalidade da peça. Temos muito respeito pelos homens de ciencia. Quer-nos parecer, porém, que pouco, pouquissimo ganha a ciencia, esfalfando-se tanto para provar, em summa, o que não tem prova possivel, ou aceitavel...



Os poetas errantes da Idade Média, diz o sr. Guilherme Lutetge, na revista «Curios y Conferencias», de Buenos Aires, eram os boemios daquella época. As leis não lhes ofereciam a melhor

protecção, e, por isso, trataram de servir-se estrictamente, formando uma especie de «Ordem» analogo ás ordens de cavalaria, com o seu codigo especial. Defenderam-se o melhor que puderam da perfeita indiferença geral, constituindo uma força organizada, contra a qual os poderosos não se atreviam a lutar de frente. Felizes boemios! Não deixaram de haurir na vida livre e plena a inspiração do seu lirismo, mas dentro da modestia própria á sua condição, sabiam tambem não morrer de fome. Não haverá nada a aproveitar no seu exemplo para os errantes ou não errantes poetas de hoje? Talvez merecesse a pena estudar o assunto, sendo certo, como é, que uma sociedade sem poesia e sem poetas não é sequer sociedade:—é um agregado de ambições mais ou menos inferiores...



erudição e de nobre intelligencia sobre a formação ethnica do Brasil. O sr. Azevedo Amaral—outro nome consagrado na grande patria de além-Atlantico—criticando esse livro, que tanta sensação provocou, diverge do conceito da raça nele expresso. Merece registar a resposta de Gilberto Freyre, que interessa não só a sociologia, mas toda e qualquer manifestação de pensamento a proposito do momentoso assunto. Eis como Gilberto Freyre define a sua orientação, que bem nos parece ser a unica a seguir na visão do problema racio, no Brasil e em toda a parte:

«A Franz Boas devem-se talvez os melhores estudos modernos sobre os problemas de raça na sua relação com os de cultura. Nesses estudos não se desconhecem as diferenças entre as raças—principalmente quando puras ou quasi puras. Nem se nega a influencia da hereditariade. O que os estudos de Boas e ultimamente os de Herkovits parecem indicar é a tendencia para a uniformidade de tipo social e até fisico, de individuos de origens ethnicas diversas, quando sujeitos á influencia do mesmo meio, do mesmo sistema de alimentação, de condições economicas identicas. Estas teriam uma força consideravel: dentro do mesmo grupo nacional se observam ás vezes maiores diferenças entre os individuos de classe alta e de classe baixa, embora da mesma origem ethnica, do que entre os de raças distintas, mas de identica situação economica e social. Sob esse criterio—a que allás se asse-

melha, o de Spengler nos seus estudos de transplantação de culturas—a raça não é o bronze duro, estauesco, definitivamente que outrora se supunha. É plastica. Altera-se. E a acção mais criadora seria a da cultura—ainda mais que a do meio fisico. Daí a eutenia, em opposição á eugenia, os exageros dos eugenicistas.



Lucie Delarue-Mardrus, a romancista e poetisa que tanto admiramos e tão bem conhecemos em Portugal, insurgiu-se ultimamente, no «Le Journal», contra o criterio excessivamente poetico das novas gerações literarias. Jovens escritores e escritoras já não pedem, no principio da sua carreira, a simples atenção e amparo moral dos mais velhos:—suplicam-lhes que lhes arranjem maneira de ganhar logo dinheiro. A crise economica e financeira do mundo justifica até certo ponto a interessante pretensão. Não se vive já de idade, e pouco páo? Ou, antes, o pouco páo tornou-se muito caro... Que diria, porém, Mme Delarue-Mardrus se ouvisse a um petiz dos primeiros anos do Liceu—como nós ouvimos—preguntar quanto dinheiro tinha ganho Homero, com a publicação da «Odisséa»? Indignar-se-ia, sem duvida. O pior é que esta noção da literatura exclusivamente remuneradora, é geral, e pesa de manelra terrivel sobre a própria dignidade e beleza das obras de Arte. Mas não ha nada a fazer. Os genios que se defendam, se ha defesa que se aplique a tão lamentavel situação de espirito criador...

40 ANOS DE VIDA LITERARIA

UMA CADEIRA DA ACADEMIA que ficou por preencher

Ha anos, o «Diário de Lisboa» defendeu a idéa de algumas mulheres portuguesas, escritoras de sólido nome e de obra meritoria, tomarem lugar na Academia, como socios correspondentes. Não sabiamos se os regulamentos tal consentem; julgavamos então e julgamos hoje que *vinda se opõe* a que uma mulher de letras enfileire ao lado de academicos consagrados.

Depois de D. Maria Amalia 7as de Carvalho e de D. Carolina Michellis—primeira consagrada pelo espirito e a segunda pela ciencia—algumas senhoras quanto a nós mereciam, mais do que alguns homens, talvez, aquella honra.

E apontamos entre quatro nomes, o de D. Ana de Castro Osorio.

E' que a obra da escritora a muitos titulos illustre que acaba de desaparecer da vida—*Mulher digna e digna Mulher de Letras*—é na sociedade portuguesa, indiscutivelmente notavel, e quicá insufficientemente apreciada. Nenhuma senhora na nossa terra soube ser, como D. Ana de Castro Osorio, «mulher» de letras. Tinha a castidade lusiada, um grande sentido immaculado e simpatico de Mãe. Todos os seus livros são «bons», dessa bondade moral e dessa graça literaria, desataviada de preconceitos, elegante, fina, suave e contente do seu destino. Como D. Branca de Gonta Colaco, poetisa e dulcissima, amavel e feminina de fidalga casta literaria como D. Emilia de Sousa Costa—a escritora que ha dias deixou a sua czinha portuguesa da rua do Arco do Limoeiro, foi o exemplar vivo de «Mulher que vi-

ristica da sua obra, na tranquillidade do seu estilo natural, na requintada graça da sua maneira afavel de escrever a prosa—D. Ana de Castro Osorio deixou, beleza, e a linguagem patria nalguemas das suas obras atinge o vernaculo.

A sua sensibilidade literaria foi sempre coada, como por um vital de instinto, pela sua razão clara de mulher. A sua emoção aproximava-se mais da agulera da que da agua-forte. Não ha passivismo, nem tragedia no mais: e-queño passo de um seu livro, mesmo não destinado a crianças.

Traçamos estas linhas com uma sentida ternura, exactamente depois de havermos lido o seu ultimo trabalho publicado «Quatro novelas», no qual a escritora, exemplarissima de probidade literaria, se despe de dos leitores, com um sorriso infantil de avó, que se deixa ficar sempre menina. E ao lermos as paginas do «Diário de uma criança» não sabemos que mais admirar: se a sua simplicidade, reduzida á difficil arte florentina de tecer labores, se o seu penetrante, agudissimo espirito de observação, só proprio de um escritor de grandes e luminosos olhos abertos para a vida.

Como alguns pintores predestinados, que parece que fixam o sol na materialidade das tintas, e quando retratam homens lhes agarram a alma—esta escritora, afastada de uma roda convencional de distincções, deixa na sua obra a boiar, como uma folha de rosa num lago quieto, a sua propria alma, innocente e esplendorosa.



Ana de Castro Osorio, desenho de Raquel Bastos

veu, pensou, escreveu na pureza immaculada de um vergel de letras. Não fazia renda; bordava. Era mais pensadora e escritora do que

artista. Tinha a aristocracia da simplicidade e o orgulho do proprio trabalho, que nunca contou uma sugestão. Mas nessa caracte-

UM CONTO POR SEMANA

CAZETA

Na planície extensa, uma charneca quebrada ao longe por ondulações litorreantes de seara, estendia-se a via ferrea.

As suas linhas, paralelas, chispando luz, branquejavam, e, descendo, davam a ilusão de que se uniam nos confins da paisagem.

Esta era arida, a partir uns cem metros para além da cazeta. Perto desta, porém, havia um oasis de carolice verdor.

Um rinque de álamos, cujas folhas viravolteavam, ora prateadas, ora cor de esmeralda, ao contacto sereno da brisa, ramalhavam doce, blandicissimamente.

Uma velha acacia, de flores amarelas, dumha felpina de ouro, odoriferava como um grão de turbilho vegetal dentro da cúpula azul dum ceu de translucida, risonha, clareante luz.

Um eucalipto, centenar, revestido de suas folhas em lamina de alfange, com tufos até a mais de meio do tronco, rumorejava austero, oferecendo a sua sombra que, pelo chão, esburacadamente mantejava.

A beira duma grande meda de chulipas, que em boa ordem all se acumulavam, flamejava a fogueira da malta, entre três grandes pedras denegridas, e, do alto, sobre ela, pendendo de uma alta var chamuscada, via-se o caldeirão de cozinha, todo fuliginoso.

Sentados lado a lado, em uma chulipa que do monte esburondára, o Pella e o Zoelra tagarelavam, divertidos.

—Ainda ontem os meus olhos a viram deitada all á sombra da arvore, de baixo das flores amarelas. Davam-lhe as luzernas na cara. Estava toda esgaralada, mostrando os pelotos. Dormia no chão duro como em cama da palha mais fofo.

—Bonita como poucas, lá isso é, mas cabra como o demó! Nem «se» como o Louro agora a quele jogo!...

—Lá se o merece ou não, isso é lá com elles... O que te digo é que, se fosse comigo, lá linha quebrado os ossos a ambos e mandado apresentar ao diabo as peles, para aventas do inferno... Então, que pensas?

—Bonita como poucas, lá isso é, mas cabra como o demó! Nem «se» como o Louro agora a quele jogo!...

Dizendo isto, Zoelra levantou-se, e empunhando a enorme colher de pau, denegrida, segurava, com a mão esquerda, ao alto, a corrente da caldeira, enquanto com a direita dava volta ao conteúdo cheiroso e fumegante.

Em seguida ateu o lume, quebrando no seu interior as achas, que chispavam faúlhas fazendo lembrar um cardume de pequenas estrelas.

Novamente sentou-se, e disse, muito pausadamente: —Bonita como a um ralo! Mas... cabra como o demó!...

Pella ficou estupefacto, mas Zoelra despertou-o, exortando: —Gostas dela! Tá bem!...

—Mas... não vale os riscos... Se o marido aguilha pilha estoirades os ossos!...

—Qual pilha nem qual 'stol-

ela, sentada no portal... toda alegre, toda prazentá!...

disse Zoelra, comedido a voz. Pella, que ainda não tinha olhado para a cazeta, pôs neha os olhos e empalideceu.

—Ahi ralo!... praguejou entre dentes. Fosse eu o Louro!... —Como ela está contente! Não lhe vê a cara? Parece uma fogueira... e os braços... que brancos!... Nus até cima!...

Lá se levanta... arruma a costura... Bom!... O superior entrou... Ela fecha a porta!...

—Que jógo!... Ah Pella? Que dizes tu?... E Zoelra piscou o olho. Como unica resposta, Pella ficou a mandibula, num ranger de dentes, e, no seu rosto, a palidez mais accentuada.

Voltou-se de flanco, como pessoa que muda de posição,

são interior alguma coisa interessante.

Zoelra, tirára da algibeira da Jaqueta uma metade de charuto, da do colete uma pequena navalha, e cortando a quele, juntava os pequenos pedaços na palma da mão em concha. Fechou com um estalido a navalha, guardou o resto do charuto, rebuscou no bolso do colete uma mortalha, enrolou o tabaco, colou o papel com a lingua, e, dirigindo-se á fogueira, acendeu o grosso cigarro com uma acha. Reassentou-se, e arrancava grandes fumaceas.

—Quem quere ver o lobo... fale-lhe na pele—disse Zoelra, dando em Pella uma forte cotovelada. E acrescentou: «Olha lá! Julzinhos! Ninguém se metia «adonde» não é chamado!...» Pella levantou os olhos so-

lava para além, como um ruído de mar longinquo que pela charneca se prolongava amortecendo-se.

E, quando o ultimo vagon passou, a «Cazeta» estava fechada.

Mas, ao lado da porta dela, um homem alto, espadado, bem trajado, pneumatadamente, fumava.

—Mariana!—bradou o Louro, para a casota do guarda.

O homem fleumático como que imperceptivelmente sorria, olhando o grupo que formava Louro com os dois da malta.

Pella, dizia quaisquer frases, baixo, ao recém-chegado, rematando: «o superiores!...»

—Mariana!—bradou mais alto o Louro, batendo o pé, impatientemente.

O homem fleumático, nem mais nem menos que o engenheiro de via e obras Natario, voltára-se, caminhando lentamente, linha abaixo, e, mesmo de perfil, via-se que o sorriso irónico se lhe alargava.

—Mariana!—rouquejou o Louro, tremulo, com qualquer coisa de branco, de espumante, ao canto dos labios, e, como a porta se não abrisse, atravessou a linha, e pôs-se a dar grandes murros com as mãos herculeas, cabeludas, nas tábuas.

A porta continuava fechada. O Louro sentiu-se tremer cada vez mais, vacilou, mais caiu do que se sentou no degrau de pau do limiar fechado, e metendo a mão direita na abertura da camisola por onde se via o selo quasi herculeo, denegrido, cabeludo, esfregava num desespero de dor incalma, ruído torrencio, o peito, os olhos raios de agua, ruminando convulso, num ranger de dentes: —Mari...ana... Mari...ana... Mari...ana...

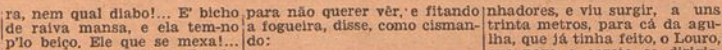
Uma forte rajada sacudiu as folhas dos álamos. O grande eucalipto batia os seus alfanges. Dois corvos, a par, no azul, crucitavam.

Zoelra ria baixinho e acotovelava Pella, que continuava clismador e pallido.

Em volta de tudo sentia-se um deflagrar de inebriante perfume, que a brisa arrastava.

Ao impulso de cada nova rajada caíam, lentas, muito lentas, uma agora, duas ou três depois, as flores de felpina de ouro, sensuais, delicadas, estonteantes, da velha acacia.

EUGENIO VIEIRA



ra, nem qual diabo!... E' bicho de raiva mansa, e ela tem-no p'lo bicho. Ele que se mexa!...

Os dois guardaram silencio, um silencio cortado pelo ramalhinar da folhagem.

Zoelra fitava as labaredas cor de acafiro que atára. Pella arranhava com as grossas unhas anegradas a chulipa em que estava sentado, e bocejava.

Um agitar um tudo nada mais forte da brisa fez farfalhar mais alto as folhas e arastou para o lado o fumo, que a ambos envolvia.

Pella esfregou os olhos, que choravam, e ambos se levantaram.

Sem dizerem nada, mas como se mutuamente tivessem combinado, pegaram na chulipa e arrastaram-na para o ponto oposto, para lá da fogueira.

Naquela posição ficavam ao abrigo do fumo e com os olhos mesmo em frente da porta da «cazeta».

—Boá!... Lá está elle... o superior... de pé... entre portas... de costas voltadas p'ra cá, e

para não quere ver, e fitando a fogueira, disse, como clismador: —Se ele chegasse agora!... o Louro... palavra que, se fosse preciso... não se me dava nada de o ajudar!...

—Em boas te metias!... Ajudar o quê?!... Lá se avenhã!... Guarde a quinta quem é o dono!... Os de fora? Nada!...

E Zoelra, assim falando, acenava, ás bandas, a cabeça. Na vasta extensão, de longe, soou um silvo de locomotiva, e, pouco depois, um como cansado arfar de monstro que despertava.

Aquele arfar aumentava, gradualmente, como se salsse do flanco da charneca e aproximava-se.

Pella repetiu, num como anseio: —Não se me dava nada de o ajudar!...

E o seu olhar perdia-se nos longos, como se fittasse algum ponto que o atraísse, como se divisasse na retina da sua vi-

nhadores, e viu surgir, a uns trinta metros, para cá da aguilha, que já tinha feito, o Louro, que para a cazeta se dirigia, em passo lento, cadenciado.

Novo silvo soou, muito agudo, muito perto, e, da volta da linha surgiu o comboio com o seu aspecto acarvoado na maquina, as armanhas abracadabrantes dos vagons com vasilhame ao alto e madeiramentos empilhados. Como um grande animal apocaliptico, monstruoso, rouquejante e fumacento, velozmente rastejava.

De repente, a porta da cazeta abriu-se, e, uma mulher de rosto afogueado, em sala branca, uma blusa cor de rosa, os cabelos um tudo nada desmanchados, empunhando a bandeira, assinalava.

Já o Louro chegara junto dos dois da malta.

Entre os três homens e a mulher interpunha-se o comboio, cujos vagons de medas a encobria.

Aquilo passou rapido, como um retalho de furacão que ro-

O Sobrerealismo na literatura brasileira

As proprias cores ele fez, a fim de posuirem certos vermelhos, certos azues, tons a que o pessoal não estava acostumado. Por isso umas sensações moravam nessas cores. O Anjo possuía a attitude veemente e ridicula ao mesmo tempo. Calcado de botinas e perneiras. Nos bigodes uma obliqua muito desiniquista. O ventre largo terminava em angulo recto perne como os angulos rectos, sustentando a horizontal dos ombros de balança. Tudo denotando a personalidade justa, o outro-fio e a mediocridade dos anjos. O povo lá entrando para ver a exposição. Primeiro os amigos do Herói, Imprensa, fotografos, etc. O segundo quadro era a Bem-Amada. «Quadrado sem distilho no catalogo». O sexto em triangulo negro. Ombros hieraticos. Era tudo uma usina de emoções grandestimas. Volume e cor choovam tanto e o oonfundo enlutaiva tão sério e tão desagrada-fel, que emudeciam logo os oemarradas que

A feita imensa—geradeiro «buidiões em que só crístidos de intelligencia pronta se podiam mover com os otis de suas intuições—era uma mulher. Não imitava absolutamente uma mulher, porém traducia uma sensação sexual cerebral transmitida do interior para o ambiente.

Um grande fundo mistico confundia cores e linhas, se confundindo nas molduras. A exposição, inaugurada ás seis da tarde, foi invadida de snobes que tudo analisavam e deturavam erudição da Collection de l'Esprit Nouveau.

Depois vieram politicos, ministros, generais, etc. Olharam.

Depois sujeitos indifferentes. Daqui a um pouco pandegos que ritam e manganam.

As camadas se succedendo como superposição de gerações. Ou como as especies de insectos que vão visitando a decomposição dos defunctos.

A's 10 horas da noite só o Anjo em carne e osso estava ressonando junto das corbelhas. O Herói tinha abalado. O Anjo acorrou, abalou tambem procurando o Herói.

Então ficaram os preciosos quadros, dos quais o mais barato valia quasi o preço de um sobrado arranha-ócu. Tudo deserto, entrou um ladrão. E não vendo nada de precioso de roubar, levou uma caiza de oculos.

Dez minutos "DESCRICHÃO,"

com



Campos Pereira

Raros são, em Portugal, os romancistas. Passando da fileira dos nomes consagrados para a outra da moderna geração, os valores romancistas ainda mais escassos. Um, porém, surgiu há pouco tempo, dotado de admiráveis qualidades, pesquisador inquieto do fenómeno da vida que, em lucidas páginas, criadas nos delirios altos da paixão, está fazendo o processo psicológico da vida lisboeta. O seu primeiro livro: «Cabeças Loucas», foi uma revelação. Não era ainda o romancista perfeito, mas era já, com defeitos cheios de virtude—o paradoxo é compreensível—um construtor admirável de tipos, que se excedia, sobretudo, na pintura dos ambientes sobrecitados e das almas envenenadas de psicose modernas. O que se seguiu, «Drama do Rio Belo», mais forte na maneira, mais seguro na trajetória dos caracteres, tinha já o que em técnica se denomina, economia literária. E chegamos ao terceiro, «vient de paraitre», disputado nas livrarias, «Direito de Amar», esse «direito», de que o autor trata, nevrosadamente, um caso singular, e peculiar a certos meios: Campos Pereira é o romancista das paixões inquietas. A sua obra atormentada, com gritos de carne ferida, é duma dolorosa e emervante vibração. Nestes dez minutos, o escritor embora seja advogado, não se defende, chega mesmo a acusar-se numa volúpia de verdade. Ideas ouvi-lo:

—Em toda a minha obra pretendo obter uma finalidade social. Isto significa que não me cingo à moralidade convencional, antes a repudio, criando uma moral infinita, onde todos os casos se possam resolver fóra dos hábitos criados, das leis dos homens. O amor tem a sua inteligência e nunca se adapta.

—A sua profissão de advogado não influi no que escreve?

—De certa maneira. Fornece-me casos, tipos a estudar. Tem graça que, quando saio fóra da verdade, a crítica acusa logo o artifício...

—Quere dizer, então, que procura, através de tudo, ser real. É mesmo impossível conceber um romance, onde não haja traços de realidade...

—Como escreve?

—Dentro da noite, quando a cidade cai em comas, e eu ouço o bater vivo, embora cruel, das artérias... E, então, quando trabalho. Vibro num estado de embriaguez conceitual. Chego a escrever centenas de páginas, sem uma única emenda. Sinto que, dentro de mim, as personagens se agitam como querendo existir, revelarem, num grito doloroso, angustioso de vida... Por vezes, dá-se este caso estranho: as figuras desobedecem ao meu comando consciente; tomam autonomia. Movem-se para caminho diverso do que eu pretendia, e eu pergunto a mim proprio: «Que irá fazer este diabo?». E a verdade é que o seu procedimento e as suas acções excedem-me em bom sentido e em desenrolar.

—Quais as suas admirações literárias?

—Romancistas-típos, e depois deles pouco se tem escrito que valha a pena, como «partidos» de obra... Eça, primeiro de todos, o Filipe Trigo, da «Allissimo», D'Annunzio nas suas páginas voluptuosas e Bourget—porque não?—analista subtil da alma humana.

—Diga-nos alguma coisa do romance em Portugal.

—Muito fraco! Ha promessas, entre a gente nova, mas só promessas. Os do seculo anterior foram além de nós. Seguimos ainda na sua sombra, muitos anos depois.

Cal-te o Cabelo!...

Use RUTHER.

A' venda na Farmacia Portugal, Rua Augusta, 216.

CIRCO

A José Augusto

Nos meus tempos de menino, quando a vida era brinquedo sem partir e jôgo sem cansar, eu gostava de ir ao circo.

Ali, na primeira fila, muito composto entre o papá e a mamã, com o fato de veludo liso como meus dias, eu tinha contentamentos maiores que o de subir a árvore proibida do jardim.

Sem razão para me rir, eu ria-me daquele homem muito sério e distinto, de preto, com uma borboleta branca no colarinho — o homem que sabia todos os números.

Ail lindos cavalos brancos de tanta e tanta habilidade! Tam diferentes dos meus que eu tinha de puxar e não venciam obstáculos!

E as gentis amazonas ficavam nos meus olhos, a saltar, e via-as mais tarde, em sonhos, muito felizes com a convivência da brancura dos cavalos...

Vinham, depois, trapezistas. E eu pasmava do milagre daqueles saltos tam altos e tam longos! (A música cessava nos pontos mais perigosos e difíceis...)

Quería ficar tranqüilo pois via rédes, em baixo e o papá tinha dito para que serviam, elas. Mas o médoo fechava os meus olhos.

Homens, com fardas vermelhas e grandes boões dourados, transportavam, para o centro da pista, jaulas com feras.

Um homem, com farda mais vermelha e boões mais dourados, um chicote na mão, entrava em tôdas as jaulas.

As feras não o comiam. Obedeciam ao chicote e ao homem. E elas eram verdadeiras como os animais ferozes das historias.

Um cavaleiro elegante vinha intrigar com artes de ilusão.

E os palhaços? Eu quis ser palhaço...

Durante todo o espectáculo, música própria só para o circo.

E, acabada a sessão, eu não queria sair, embora soubesse que tudo acabara...

Hoje, não rio do homem que faz de programa. Sei que para os cavalos há obstáculos invencíveis, também.

As amazonas não têm vida de invejar, nem pensam na brancura dos cavalos, mesmo quando os apresentam. As rédes protectoras dos trapezistas podem matá-los.

Vi dar às feras bebidas e picadelas que as deixam como ficam os homens com certas picadelas e bebidas.

Ouvi o prestidigitador explicar todas as suas sortes. Os palhaços são mais tristes que eu, tu e a vida. Só a música do circo é a mesma, em meus ouvidos...

Vida! E's feita de brinquedos partidos e jogos já jogados! Porque não deixas ser o circo igual em tôdas as idades?

TEMPORAL

A Valery Larbaud

Nesta casa, só eu, o frio e o médoo. Lá fora, a chuva e o vento.

As gotas de água, escorregando na vidraça, são lágrimas que não choro. No escuro do jardim, vejo fantasmas — formas de sombras que fazem mais negra a escuridão da minha noite. As árvores contorcidas são os meus pensamentos loucos.

A casa do jardim, sem luz, é o meu cérebro sem entendimento.

O mar é uma féra a rugir contra o vento que é outra.

Sobre as ondas, lá longe, as luzes dos barcos aparecendo, sumindo-se, são meus nervos vibrantes. A multidão, na praia, grita, reza, e é o meu médoo a dizer a existencia provável de Deus.

O meu médoo é maior que o frio e a casa... O vento assobia mais e a chuva, na minha face, põe lágrimas.

— Naufrágio! — ouço gritar. Tombo no chão exausto. Dentro de mim, o mar, um barco, ama luz a apagar-se...

ALBERTO DE SERPA

(Do livro *Descrição*, edição, *Presença*, recentemente publicado).

POMBOS CORREIOS

● Aparece brevemente um novo livro de ensaios de Alves de Azevedo, intitulado: *Elogio da Juventude*.

● Está nas livrarias a segunda edição dos *Ensaios de Critica e Estetica*, do professor sr. dr. Henrique de Vilhena.

● Antonio Botto tem no prelo um livro intitulado: *Dar de beber a quem tem sede*, para adultos e crianças.

● Sai brevemente mais uma edição da *Derrocada do Imperio vatu e Mousinho de Albuquerque*, de Julião Quintinha. Esta tiragem foi aumentada com trezentas paginas, que muito valorizam esta obra capital da nossa epopeia africana. Julião Quintinha concluiu um romance, de ambiente lisboeta, de cujo titulo guarda reserva, e um livro de novelas que possivelmente se denominará: *Castellos na areta*.

● Napoleão volta à actividade literaria. Além das suas *Cartas a Maria Luiza*, já traduzidas em português, acaba de publicar-se em Franca uma obra de viço: *Santa Helena*, dividida em dois volumes. *O captivo de Napoleão* e a *Morte do Imperador*, de

Octave Aubry, que, para o seu estudo, foi de proposito áquela ilha.

● Albino Lapa vai publicar dois livros de grande interesse: *Historia dos Paineis de Nuno Gonçalves* e o primeiro volume da *Historia da Separação Publica em Portugal*, este recheado de documentos curiosissimos.

● A Feira do Livro, que está annunciada para maio, terá dois mercados: o dos editores, que será no Rossio, e o dos alfarrabistas na praça de Camões.

● Eugenio Vieira está trabalhando activamente em dois livros: *Aguias*, romance de fundo, e *Conceitos e Reflexões*, obra de caracter filosofico.

● Livros recebidos esta semana: *Frei Luiz de Sousa*, de Alberto Freitas da Camara, animada narrativa historica e *Descrição*, poemas, de Alberto Serpa, em edição da *Presença*.

● No proximo dia 31 comemora-se em Cordova o VIII centenario de Maimônides, sabio israelita que nasceu naquela cidade espanhola e com Samuel Naguid marca o apogeu da ciencia hebraica que no seculo XII floresceu em Portugal e Espanha.

● Está no prelo «O cavaleiro de

Oliveira», de Aquilino Ribeiro na colleção de «Ontem e Hoje».

● O brilhante poeta Augusto Casimiro, que regressou ha pouco a Portugal, tem concluidos varios trabalhos literarios. Um, intitula-se: «Cartilha Colonial» e vai ser editado, com illustrações de Correia Dias, pela Sociedade Luzo-Africana do Brasil.

● Augusto Casimiro pensa distribuir profusamente a sua «Cartilha» pelas escolas da America do Sul, frequentadas por pequenos portugueses.

● O poeta Eugenio de Castro tem já pronto o discurso que vai pronunciar, no dia 11 de maio, na Academia Real de Bruxelas.

● Sob o pseudonimo de Hebreu acaba de sair uma interessante novela, intitulada: «Nas cinzas dum amor...» A edição é da «Novela Moderna».

● Livros portugueses que se vendem, mais durante a semana: *Discursos*, do sr. dr. Oliveira Salazar e *Cartas de Napoleão a Maria Luiza*, tradução. Livros francezes: *Galere de la liberté*, de Barthelémy e *Saint Helene*, de Octave Aubry.

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

Castelo Branco Chaves

critico e ensaista

afirma que o intelectualismo predomina na actual produçao literaria



CASTELO BRANCO CHAVES

—Quais as características da actual literatura portuguesa?

Afigura-se-me que a característica predominante da produção literaria dos nossos dias, especialmente no romance e na poesia, é um anti-intelectualismo que domina e obside os escritores de mais diferente organização e provindo dos mais opostos campos.

—Pode desenvolver o seu pensamento?

—Mas imediatamente. Estar em «moda» seduziu sempre a gente nova e esse influxo da moda anti-intelectualista da nossa época é evidente na literatura portuguesa actual. Tudo o mais se deriva desta característica o que, explica, segundo creio, que verdadeiros talentos literarios, ricas organizações mentais estejam produzindo uma obra admiravel quanto ás qualidades propriamente literarias, mas por certo obscura quanto á sua essencia. Intuições sem conceito constituem obscuridade e uma literatura que se confina sómente no domínio dos affectos e das aparências permanece não direta na frota, mas no crepusculo; não direi no imperfeito mas no incompleto. Tem de ser uma literatura substancialmente rudimentar, embora, no caso de muitos dos novos escritores, dotada de notaveis qualidades de imaginação e de forma.

—O anti-intelectualismo...

—O anti-intelectualismo conduna-se, aliás, com a nossa indole literaria, toda sentimental, affectiva, lirica, masculo, que o lirismo tem de mais individualmente subjectivo, isto é, um lirismo que só nos grandes teve um valor representativo universal e uma significação tipica. O lirico português, em geral, nas suas obras, não traduz a alma humana objectivando os seus sentimentos ou paixões, generalizando os accidentes da sua vida sentimental, moral ou intelectual. Faz confidências; dá o nosso lirismo, através dos seus diversos aspectos, forma se modas, ser ingenio quando não infantil. Temos por certo grandes «aricos» mas, nesta literatura que se considera unicamente lirica, são muito poucos.

—Curiosa essa observação!

—De resto a literatura portuguesa é composta de individualidades singulares e não tem um espirito proprio e característico que a homogenize, uma tradição através da qual se possa marcar um genio proprio e inconfundível como acontece, por exemplo, com as literaturas franceza, castelhana ou russa.

—Agora, como sempre, só algumas individualidades fortes e originaes nos podem salvar da copia servil da moda literaria estrangeira e Proust, James Joyce e Bergson estão, sem culpa nenhuma, é certo, sendo causadores de tantos dilates como o foram Baudelaire ou Beaudelaire, Scott ou Zola, Rousseau ou Augusto Comte.

—Ha caracteristicamente, uma nova geração literaria em Portugal?

—Como em Tunis ha sempre um «bey», em Portugal ha sempre uma nova geração literaria. Importa, porem, saber as suas «tendencias, observar a sua attitude, investigar qual a missão que lhe incumba. Ha gente nova que creve que pelo seu conformismo pelo seu tradicionalismo, não pode constituir uma nova geração literaria. A dos ultra-romanticos, a de 1890, parte da geração de 1910, por exemplo.

—E' pelo seu revolucionarismo, pelo seu «ênfo-conformismo» que as gerações marcam e interessam. As gerações intelligentes são revolucionarias.

—E a nova geração?

—E' «ênfo-conformista» e revolucionaria. Cumpre-lhe só-lo no verdadeiro sentido do termo—isto é: fazer a revolução pelas idéas. A obra de emancipação humana que se lhe impõe é principalmente pela ciencia, pela moral, pela arte e pela justiça que se obtém. Outros processos serão necessarios,

Castelo Branco Chaves pertence ao grupo intelectual da «Seara Nova». E' dos secretarios mais novos. Desperrou cedo, em plena mocidade, estuante de entusiasmo por arrostar a leiva sagrada do pão espirital. E' dos raros novos que, por attitude elegantemente convencional, não é pessimista. Crei Pensar á acreditar, é construir, é, pelo menos, renovar.

Eis o que tem sido a obra deste admiravel moço que, nos seus livros de critica, se tem afirmado uma personalidade de características proprias, vigoroso e concreto na analise, realista nos processos e sempre humano, sincero, communicativo de optimismo e de esperanca. Enquanto os outros, por impotencia ou por odio sistematicamente destroem, negam, ou deminuem, Castelo Branco Chaves carrega os materiais da sua obra, ajustando-os, aparelhando-os numa bela escadaria arquitecónica. Nas paredes mestras desse edificio literario, ha lugares de devoção para os mestres contemporaneos do pensamento e da literatura portuguesas. Referimo-nos á sua série de estudos sobre Raul Brandão, Teixeira Gomes e outros vultos contemporaneos. Humanizados por uma aliciente compreensão eles vivem, embora a morte ou a ausencia os tivessem distanciados de nós.

Castelo Branco Chaves tem, nos «Estudos Criticos», uma das suas melhores obras, duma singular penetração analitica, que o afirma, sem duvida, um dos melhores ensaistas da actualidade. E' o livro duma geração, o seu processo e o seu ideal, numa opposição de equivalencias, em que ele é sereno e douto juiz. Discipulo de Antonio Sergio—Castelo Branco Chaves segue agora sozinho o seu caminho, embora honrando o mestre.

sem duvida, mas são insuficientissimos, por certo.

—Pode definir-se uma escola?

—Como as questões de regime, no campo politico e social, as questões de escola, no campo literario, desapareceram. Hoje já não é isso que interessa pois se vai mais além. A escola literaria sempre foi uma criação mais ou menos retorica e artificial O que existe são duas ou três correntes esteticas e ideologicas que dominam uma época literaria. As características ha que as se ir buscar á essencia espirital das obras. O resto é uma questão de tecnica.

—Formas literarias?

—Predominam o romance e o ensaio, novo genero ainda em desenvolvimento. Ha, porém, generos errantes servidos por verdadeiros talentos literarios. A obra de Teixeira Gomes, por exemplo.

—O romance tem cultores de envergadura?

—Tem, e admiraveis. Entre os mais velhos Malheiro Dias e Aquilino Ribeiro. Entre os novos José Regio, que é tambem um

admiravel poeta, Rodrigues Miguéis, Gaspar Simões, Ferreira de Castro.

—A critica e o ensaio?

—A critica toma proporções de seriedade em Portugal não só quanto aos processos mas tambem pelo numero de ricas individualidades e fortes culturas que a exercem.

—A parte algumas...

—Figura marcante de critico é aquela que hade ficar na historia da cultura no nosso tempo com um singular destaque, é, sem duvida, Antonio Sergio. Quando se apagarem as paixões, se extinguirem os odios e tiverem murchado as invejas, a obra de Sergio apparece no seu real valor. Joaquim de Carvalho marca tambem na critica das idéas um lugar notavel bem como Rodrigues Lapa com os seus estudos sobre a literatura e cultura portuguesas. Vieira de Almeida destaca-se tambem e é de lamentar o seu silencio prolongado.

—Mas ha mais...

—A coleção de ensaistas de 30 anos que Joaquim de Carvalho editou, quando diri-

PERCEBEU MUITO TARDE...



Passado o primeiro sobresalto, percebeu... mas muito tarde, porque foi despreza a A tez maravilhosa, a pele tão branca da sua rival foram disso a unica causa

E' um processo de rejuvenescimento realmente milagroso que foi colocado ao alcance de todas as mulheres, pelo Prof. Dr. Stejskal da Faculdade de Medicina de Viena d'Austria, pela sua recente descoberta do Biocel. Ele demonstrou que a epelle pode comer e que alimentando-a com este potente alimento dos tecidos—o Biocel obtido de animais novos, este sabão clinico permitiu a rostos de 50 a 72 anos de idade desembracarem-se das rugas profundas, de esticar novamente a pele, torna-la mais rija,

de conseguir em suma, um novo aspecto de juventude que se conserva (ver o relatório no jornal Medico de Viena).

Os direitos exclusivos de utilização do Biocel foram adquiridos por Tokalon. Use o novo Creme Tokalon (cór de rosa). Alimento para a pele, em leves maçagens, todas as noites antes de deitar (como vem explicado), ele alimentará e rejuvenescerá a pele durante o sono. De manhã use o Creme Tokalon (cór branca) não gorduroso que suprime os poros dilatados, os pontos negros, branqueando delicadamente a pele de 3 tons, em 3 dias, tornando-a fresca e aveludada.

Encontra-se á venda nas perfumarias e nas boas lojas da especialidade. Não encontrando dirija-se ao Deposito Tokalon de Lisboa (Secção D. L.) 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

gia com tanta intelligencia e nobreza a Imprensa da Universidade, veio revelar, entre os novos, valiosas vocações de criticos e ensaistas cheios de originalidade e talento. Entre os novos que nessa coleção ou fora dela publicaram trabalhos de critica, destaca Santana Dionisio com o seu Antero, Agostinho da Silva, grande espirito e rica cultura humanista, Vitorino Nemeoso com a Mocidade de Herculanio, Osorio de Oliveira com Geografia Literaria, Gaspar Simões com Temas e O Mistério da Poesia, Casais Monteiro com Considerações Pessoais. Muito que divirja de alguns não deixa de lhes admirar o seu talento.

—Seara Nova, «Presença», «Renascença».

—A ultima destas três revistas está morta, como morto está o movimento saudosista.

«Presença» considero-a uma das mais notaveis revistas de novos que têm apparecido em Portugal. Embora afastado do espirito que a anima e que ela representa com brilho e honra—julgo-a necessaria e util no nosso meio literario.

«Da Seara Nova posso parecer suspeito ao referir-me a ela, pois que sou seu colaborador efectivo e pertencio ao grupo de que ella é órgão. Essa revista representa um dos mais sérios e hercoticos esforços que em Portugal se tem feito para a reforma da mentalidade que o mesmo grupo preconiza como essencialmente necessaria ao nosso país. Circunstancias a ella alheias, mas que sobre ella pesam e para a eclosão das quais não concorreu, têm-lhe restringido o ambito de acção. A chama, porém, não se apaga, e, mesmo pequena, a sua luz é sempre clara e o seu calor vivificante. Pequeno grupo que não é nem pode ser composto por muitos, devém-lhe muito os novos de Portugal.

—Ha, de facto, ambiente em Portugal que favoreça o fenomeno literario?

—Não ha; e um dos elementos que mais pode contribuir para que elle existia parece não agradao muito aos autores. Fez-me á critica. O escritor português recebe mal as apreciações de critica e o leitor luso lê-a ou com desconfiança ou com indignação. Para ambos a critica ou é frouxo ou insulto e, no fundo, todos a julgam actividade parasitaria do espirito.

E com tristeza:

—Depois ha os 70 por cento de analfabetos e parte dos 30 por cento que seria talvez preferivel que não quisessem ler—uma vez que lê não mais e tão mal. Acresce o mal as condições em que trabalha o escritor português que, tendo de ganhar em misteres diversissimos da sua vocação o prato de lentilhas, pouco tempo pode consagrar ás suas obras e ou se acanilha, ou abandona a vocação ou então leva uma dura existencia de trabalho, sem aquella continuidade que tão necessario é aos trabalhos do espirito.

—O que sairá de tudo isto?

—Entramos no domínio da profecia. Pode-se ir para picar—pode-se ir para muito melhor. Tudo depende da orientação que as novas gerações derem ao seu esforço e á dignidade, grandezza e brilho com que quizerem marcar o seu lugar.

AERO PORTUGUESA
Correio e passageiros
 Entrega de correspondencia para
Marrocos, Africa Occidental
Franceza e America do Sul
 Em todas as estações do Correio até sexta-feira, ás 17 horas
 Na Central dos Correios até ás 21 do mesmo dia e sabado até ás 8
LISBOA - AMERICA DO SUL
EM 3 DIAS
 Informações: **Aero Portuguesa**
 Rua do Alecrim, 33 - Tel. 2 3571
 Agencia Havas - Wagons Lits - Cook

HISTORIETAS EXEMPLARES

(Continuação da 2.ª pagina)

nhos cerrados no peito arfante e amolado:

—Se cá vem outra vez, mata-o!
—Por amor de Deus, que assumos são esses? O José Antonio, além de filho do seu socio, é um rapaz digno criado na religião do lar, incapaz de pronunciar uma palavra que não seja irreprezível.

—Pois sim, mas anda lá...
—Que encobrem as suas residencias, papá? Pela primeira vez, declaro que o não entendo. Se o José Antonio não pode vir cumprimentar-me, demorando-se uns segundos, é que desconfia tanto dele como de mim...

—Não se conteve mais o pobre Manuel Antunes que desatou, num copioso pranto, a opressão que o sufocava.

—Acredito tanto em ti que morrerei, se me abandonares.

—Não se faça criança, pois o José Antonio ainda ontem me afirmou que velará pela sua felicidade como eu própria. Quem ha de ser o seu sucessor na fabrica?

—Aqui desabou o derradeiro reduto da sua resistencia: o coração e a razão comercial fundiram-se num harpejo.

—E ele estimar-te-á, como mereces?

—Queremo-nos tanto um ao outro que, de tanto nos queremos, contemporamos por tormentos as horas que nos separam.

—Avisa-o de que lhe envio a minha benção.

—Maria Dulce deitou-lhe os braços ao pescoco, envolveu-o num amplexo dos que principiam nos braços e terminam no infinito, segredando-lhe com jubilo, molhado de lagrimas:

—Vais presentear papazinho, como a felicidade se reparte liberalmente, sem que haja um tirano a presidir á sua distribuição. Se Deus quizer, bastará para avós, filhas e netos...

—Que a tua santa mãe me absolva pela tua bondade e nunca pelos rigores a que a sujeitei.

28-III-1935

JOAQUIM MANSO



REUMATICOS

Sereis rapidamente aliviados com a applicação duma pasta de

THERMOGENE

Algodo revulsivo e resolutivo, que descongestiona o sitio onde dói

Vende-se em todas as farmacias.



Grandjô

TIPO CREADO POR MR JOSEPH LABORDE, PROFESSOR DA ESCOLA DE OENOLOGIA DE MONTPELLIER
INCOMPARAVEL VINHO BRANCO DE MESA

O MELHOR PARA PEIXE, MARISCOS E «CUPS»

HA TAMBEM «GRANDJÔ» 1919, 1918 e 1910

ENCONTRA-SE EM TODAS AS BOAS CASAS E NA FILIAL DE LISBOA

R. DO ALECRIM, 117 a 121

TELEPHONE 2 2556

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

MENSAGEM ESTETICA

Os artistas raridades de excepção

e outras palavras alto e bom som

Mais do que com jubilo, é com grande respeito que vejo pela primeira vez na minha terra, os poderes publicos ao lado da arte mais nova de Portugal.

Já não era sem tempo!

Mas, se não tivesse chegado ainda o dia de hoje, a nossa fé de artistas seria a mesma de sempre.

Benvindos, pois, os poderes publicos e mais quem os trouxe até aos nossos trabalhos.

A razão de eu estar hoje aqui, ao lado dos meus companheiros de Arte, é muito simplesmente a de serviço de honra. Estou de minha parte servindo a causa, a unica pela qual me tenho batido sempre e como português—a Arte.

Estou fazendo acto de presença, não por mim, que nada tenho para que momentaneamente me justifique aqui, como pelo meu ardente desejo de que em Portugal nunca mais nenhum artista português tenha de passar vicissitudes, como as passadas por mim na minha patria, desde os meus quinze anos de idade até hoje!

Julgais que me refiro a miserias corporais? Bem mais negra do que a fome é a falta de cultura dos nossos compatriotas, e pior do que esta a falta de reconhecimento pelos poderes publicos daqueles que trabalham no seus legitimos lugares!

Ser artista é um resultado directo da humanidade e da sociedade; é um lugar legitimo de determinadas individualidades, e nas quais a acção dos poderes publicos poderá apenas reconhecer os seus valores, social e humano.

Isto é, os poderes publicos jámais poderão conseguir por seus melos formar artistas; porque os artistas é só a humanidade e a sociedade quem os destina. Aos poderes publicos compete-lhes tão somente não ignorar e reconhecer os determinados valores que a humanidade e a sociedade lhes indicam.

Pois, por mais logico que isto nos pareça, nunca assim se fez em Portugal!

O sistema burocratico-administrativo português obedece cegamente a leis intangíveis de escalonamento e nem sequer pode admitir a hipótese das verdades de excepção. Pois os artistas são raridades de excepção: Mandou-os que o fossem, a humanidade e a sociedade. Não poderão deixar de os reconhecer como tais os proprios poderes publicos.

Ha pouco referi-me ás vicissitudes por mim passadas na minha patria, durante toda a minha mocidade e juventude; e só para que o meu pensamento fosse mais claro nesse instante, lembrei ao mesmo tempo as dos meus queridos companheiros. Porém, foi a totalidade dos meus companheiros que sofreu e passou, como eu, as mesmas vicissitudes.

Eu tive a honra de ter tido por companheiros, os mais variados e completos valores de portugueses, como os não encontrei melhores nas juventudes estrangeiras! E onde estão eles hoje? Mortos uns, destróçados outros, asfixiados todos!

Já ha tempos e aqui nesta mesma sala, numa con-

ferencia intitulada «Arte e Artistas», fiz todo o possivel para que os poderes publicos nos escutassem.

Foi em janeiro de 33. Dava o exemplo dos nomes de Antero de Quental, Soares dos Reis e Mouzinho de Albuquerque, três dos maiores portugueses do seu tempo, um poeta, um escultor e um militar, para dizer que estes três suicidios tinham um mesmo e unico motivo: «São um mesmo e unico suicidio, são o mesmo e unico protesto contra a colectividade, contra a sua incompetencia para com os seus individuos, isto é, a falencia da autoridade colectiva.

Estes três suicidios não são o protesto unanime de três anónimos quaisquer. Não, e pelo contrario, é precisamente o violentissimo protesto dos três mais evidentes portugueses e os maiores da sua geração!

Esses três suicidios são o mesmo e ultimo aviso—ultimo aviso!—a uma colectividade que não soube cumprir os seus deveres para com os seus individuos, e foi, por isso mesmo, comprometer de preferencia a acção e a vida, exactamente dos mais aptos para a sua «élite»!

Porque, quanto mais capazes estão as individualidades para servir uma colectividade, mais violenta e desesperada se torna a sua desaptação!

Estas palavras vieram a proposito dos poderes publicos portugueses, não terem atendido nunca as raridades de excepção, que as ha em todos os sectores da vida nacional, e sobretudo em Arte, onde não ha senão raridades de excepção.

Estou a pensar o complicado que estas coisas seriam para mim se, por acaso, o destino mandasse que eu fosse «os poderes publicos. Em todo o caso meditaria em que existem raridades de excepção. Como a propria «élite» é, afinal, uma raridade de excepção.

Mas eu não nasci para os poderes publicos.

Ha assuntos que não são simples, que são complexos; e um destes, e o mais complexo entre os assuntos humanos é precisamente a Personalidade; Toda e qualquer personalidade é trabalho puramente individual, e não haverá nunca caminho comum que conduza cada qual á sua propria personalidade!

Para terminar, desejo dizer que até este momento fomos classificados de loucos por causa da nossa arte pessoal; durante vinte anos não encontramos na nossa patria senão os raros companheiros e os inumeros amigos; mas desde este momento são os proprios poderes publicos que vêm pessoalmente á nossa casa; e até os nossos inimigos de ontem se sentam hoje connosco á mesma mesa!

Artistas de Portugal, vamos exactamente a meio caminho!

Artistas de Portugal, tende fé, continua a trabalhar!

JOSE DE ALMADA NEGREIROS

(Discurso pronunciado no banquete de artistas, promovido pelo Secretariado de Propaganda Nacional, comemorando a 1.ª Exposição Oficial de Arte Moderna).

POETAS MODERNOS

NEGRA

E'bano em vibração, de fôrma bem talhada vulcânica, sensuat, libidinosa, impura. nua, lembra uma estátua antiga abandonada num canto de museu, em noite muito escura.

Condenada ás galés da côr e condenada ao nojo de quem tem na pele a ideal brancura, a Negra — estranha onix — deixa-se, incendiada, vencer pelo olhar de uma alva criatura!

Sua epiderme é negra; é negro o seu olhar é negro o seu abraço e é negro o seu desejo. Tudo em si tem-lhe a côr! Mas nada a comparar

Ao fogo que a incendeia e que a torna mais dúbia, quando um lábio de branco acaricia e beija, o rigidó negror dos seus seios de núbia!

Mario Hora

«RUTHER»—pelo seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tonificante, combate a Caspa e todas as doencas do couro cabeludo, facilitando ao mesmo tempo o crescimento do cabelo.

A' venda na drogaria J. C. Miguel & Filhos.—61, Avenida João Crisostomo, 63.

Qual foi a 1.ª edição facsimilada dos «Lus adas»

Sr. Director:—Na secção «Pombos Correios», do seu «Diario de Lisboa» (Suplemento Literario de 8 do corrente mês), a proposito da edição «fac-similada» do «D. Quixote», saída ha pouco em Madrid, veio a noticia de Portugal ter a prioridade nesse genero editorial. E' certo que ao nosso país cabe essa honra, mas a verdade é que antes do sr. dr. Jaime Cortezão publicar a edição «fac-similada» dos «Lus adas» a que v. alude, já anteriormente em 1886 o falecido litografo da Imprensa Nacional Joaquim Eusebio dos Santos, tinha feito a reprodução da 1.ª edição do imortal Poema, adoptando o processo fotolitografico que ao tempo era o mais usado e ainda hoje muitos editores estrangeiros usam de preferencia aos processos de gravura quimica.

Ainda a proposito da reprodução «fac-similada» de obras portuguesas, merecem tambem ser mencionadas o «Missal de Estevão Gonçalves», cujo original existe na Biblioteca da Academia das Ciencias, o qual foi impresso em Paris em 1875, editado por um livreiro brasileiro, e o «Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende», editado pelo benemerito bibliofilo sr. Archer M. Huntington de New York, a quem se devem outras reproduções entre as quais a de dois romancieiros espanhóis. Esperando que v. me dê a honra da publicação destas linhas, subscrevo-me com toda a consideração.—De v., etc.—José Ferreira dos Santos.

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

O problema do momento

Damos, a seguir, indicação de algumas obras que podem ser consultadas proveitosamente por quem deseje conhecer o problema das relações franco-alemãs, do advento do hitlerismo e das características deste movimento, bem como das suas repercussões sobre a paz da Europa.

Em primeiro lugar deve citar-se o volume, hoje considerado clássico, de Jacques Bainville intitulado «Historia de dois povos continuada até Hitler». As fases essenciais do duelo secular travado entre franceses e alemães são aí apresentadas com um rigor histórico que constitui o principal merecimento do livro. E não é o grupo político em que Bainville enfileira que pode ser acusado de véu, com menos clareza, o desenrolar da luta cujo desenlace parece aproximar-se.

«Nós não tivemos outro trabalho», escreve Bainville, se não o de continuar a historia dos dois povos até aos nossos dias, para demonstrarmos que todas as faltas se pagam, e que as faltas mais graves são as que dizem respeito às idéas.

Atnda como instrumento de consulta pode ser apontado o volume de Luis Reynaud «Franceses e alemães» que, como o seu proprio autor o classifica, constitui uma historia, de resto muito bem concebida, das relações intellectuais e sentimentais entre os vencedores e os vencidos da ultima conflagração.

O livro de Fernand Brinon «França-Alemanha» é o documentario completo e elucidativo das relações entre os dois países, descritas a partir da assinatura da paz. Brinon, ao «recc-nos como um comentarista ereto e imparcial dos acontecimentos, o que se pode chamar um temperamento realista procurando tirar dos factos as conclusões mais vantajosas para o entendimento que estaria na base da tranquillidade europeia. Os seus escritos, não tendo o fôro sagrado de um partidario que muitas vezes vêem com estranha lucidez, realizam um esforço honesto e sincero de comprehensão e boa vontade.

«1935, paz com a Alemanha», encerra a previsão dum estúdio calmo e objectivo. Régis de Vitrage, que já consagrara o seu nome a publicação duma obra completa sobre os excessos de certos nacionalismos. A parte historica apparece-nos tratada com clareza e segurança, sendo alguns dos pontos de vista do autor duma poderosa originalidade.

Jules Romains quiz trazer, para o debate, o tributo dum homem da esquerda a quem o horror da guerra nem sempre deixa ver claramente as duras realidades do presente. Por isso o seu livro «O par franco-alemão» vale principalmente como um hino entusiastico à causa da paz.

A PAZ MUNDIAL EM PERIGO!

Os armamentos secretos da Alemanha—As manobras navais inglesas: Os Açores, base «Inimiga»—O ataque à costa portuguesa

Duas graves questões da maior actualidade, tratadas magistralmente no oportunnissimo romance-documentario:

A Grande Ameaça

A guerra de amanhã

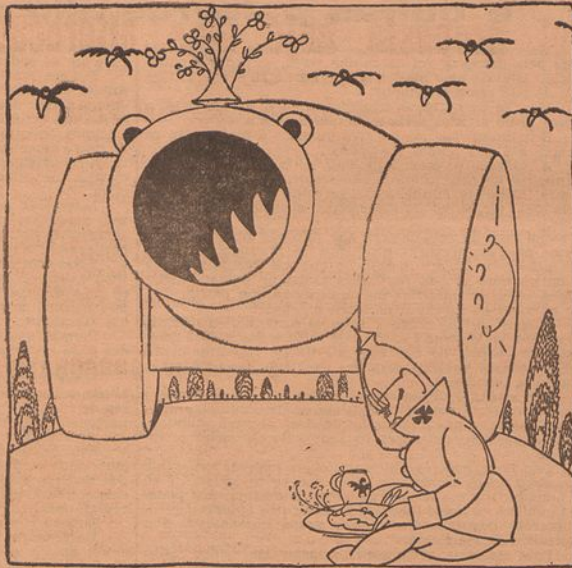
Uma obra de Adolfo Coelho

Uma edição da Livraria Classica Editora

1 grosso vol. Esc. 10\$00

A' venda em todas as livrarias e na Filial do Diario de Noticias, L. Trindade Coelho.

ACTUALIDADE, por Bagaría



A Alemanha devorando a pomba da paz

Sobre o advento do hitlerismo devem citar-se a magnifica coleção de reportagens de Philippe Barrés «Sob a vaga hitleriana» onde apparecem documentados tantos dos episodios que conduziam o mundo ao estado de inquietação em que ele agora se debate; «Como eles são», uma coleção de biografias dos chefes nazistas, constituindo valioso subsídio para a historia da nossa época; e os dois volumes que encerram o jornal politico dum general da Reichswehr e que têm estes títulos, bem significativos: «De Weimar ao Cahos» e «A hora de Hitler». Sobretudo o segundo contém revelações impressionantes que esclarecerão os leitores sobre certos acontecimentos que ainda continuam a ser, para muita gente, objecto de duvida ou de descrença.

Sobre as tendências actuaes da nação germanica, as suas aspirações, a sua ansiedade e as rejuvinações que arvora como essenciais devem considerar-se valiosos elementos de informação os livros que publicaram F. Sieburg «Defesa do nacionalismo alemão», e Ernst Erich Noth «A tragedia da mocidade alemã».

Sieburg e Noth são dois escritores vigorosos animados pela chama dum talento indiscutível, e se as suas narrativas não se coadunam,

em certos pontos, com a realidade, nem por isso deixam de revelar um alto significado literario, documentando as aptidões artisticas dos escritores germanicos da ultima geração.

Livros reveladores

O rearmamento dos alemães tem dado lugar a uma larga e elucidativa controversia. O «Livro branco» inglês não deve ser excluído do conjunto da produção literaria e politica que ao assunto se tem referido, em termos de apaixonar a opinião publica de todo o mundo.

Mas injusticia seria não referir os homens que, desde a primeira hora, desassombradamente puzeram a sua pena ao serviço da causa da paz, apontando os verdadeiros factores de guerra existentes na Europa.

Ha cerca de três anos appareceu um livro que teve então grande retumbancia e que se apresentava com este titulo suggestivo: «A Alemanha sempre armada». O seu autor, Paul Darcy, havia-se munido duma documentação rigorosa fazendo a demonstração insofismavel de que, desde a assinatura do Tratado de Paz, os dirigentes do Reich, socialistas, catholicos ou democraticos, pensaram exclusivamente na forma pratica de sabotar as clausulas militares de Versailles. Sob o ponto de vista historico o livro de Darcy deve considerar-se como o trabalho mais completo que se tem elaborado sobre materia tão importante.

Depois do advento do hitlerismo, a tarefa do rearmamento intensificou-se em termos de substituir as chancelarias e os povos. Os ingleses estudaram mais particularmente o problema n.assa fase. Os depoimentos que recolheram appareceram ha pouco contidos no livro de Woodmann «Hitler rearmado» cujos capitulos, escritos com uma grande copia de pormenores tecnicos, constituem um libelo gravissimo contra o incremento dado pelos alemães a certas armas modernas, especialmente a aviação militar, os gases e a preparação quimica.

A ameaça alemã

O academico André Chevillon realizou um trabalho meritorio compilando, em volume, os depoimentos dos chefes da Alemanha moderna que denunciam, duma forma clara e insofismavel, as intenções belicosas e imperialistas da maior potencia da Europa Central.

Antes da grande guerra, nos anos tragicos de 1912, 1913 e 1914, editaram-se, com identico objectivo, algumas obras.

Não conseguiram ellas, porém, despertar a consciencia europeia adormecida ou recessa, e a catástrofe surgiu.

De entre os trabalhos então publicados ainda hoje pode ser consultado, com proveito, o «Chavirismo alemão» que o professor Otto Nippold preparou e que é constituído por um grande volume, apesar do seu autor ter escolhido apenas os testemunhos mais significativos da imprensa germanica, publicados em 1913 e 1914.

«A ameaça alemã», que André Chevillon arranjou cuidadosamente, tem sobre as obras a que acabamos de aludir uma superioridade incontestavel: a da unidade de pensamento realizada pelo autor. Chevillon, possuindo uma cultura historica e filosofica pouco vulgar, pôde realizar obra perfeita no genero a que se dedicou, explicando, numa série de capitulos fundamentados, as origens e o desenvolvimento da tendencia expansionista caracteristica do genio alemão. As teorias dos modernos doutrineiros racistas, especialmente dos que prepararam o advento do III Reich, Adolfo Hitler, Sieburg, Moeller van der Bruck são feitas com escriptura serena e apresentadas ao mundo, no seu funcionamento actual, as grandes avancancas da propaganda da pan-germanista que o dr. Goebbels super-germanista orienta e comanda.

Uma reportagem

O jornalista polaco Conrad Wrzos fez, em avião, uma volta ultra-rapida de nações que rodeiam a Alemanha. Assim percorreu a Bélgica, a França, a Suíça, a Austria, a Dinamarca; interrogando os seus homens de Estado e os seus elementos intellectuais mais representativos, a quem fez a pergunta inevitavel que depois escolheu para o volume em que colligiu a sua reportagem: «Para quando a guerra?».

Não se trata, porém, apenas duma collecção feliz de impressões colhidas nos grandes centros onde a hipotesis dum novo conflito enche de preocupações os homens, qualquer que seja a sua situação e grau de cultura. O livro de Conrad Wrzos encobre um significado muito mais amplo e possui condições muito mais convincentes para ser considerado devidamente. O jornalista que o escreveu não deixou, também, de escutar, com atenção, os seus compatriotas representativos a quem fez a mesma pergunta ansiosa.

Os depoimentos recolhidos não são de molde a encorajar as aspirações pacifistas da esmagadora maioria dos povos interessados e ameaçados. Os que prestaram Dollfuss e o ministro dos Estrangeiros polaco Beck constituem uma prova concludente dos perigos que ameaçam a Europa, e só se agravaram depois de publicadas as cronicas que constituem o livro de que nos occupamos. Muitos outros elementos de informação elle encerra dando-lhe a categoria dum autentico documentario indispensavel ao estudo do problema das relações internacionais.

ZENITH-Recorder